

UEMASUL



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA  
CAMPUS IMPERATRIZ

BEATRIZ VIANA VILELA

## **O MOVIMENTO FORA VBL E O JUNHO DOS INDIGNADOS**

A luta pelo transporte público e as Manifestações de Junho de 2013 em Imperatriz-MA

IMPERATRIZ

2024

**BEATRIZ VIANA VILELA**

**O MOVIMENTO FORA VBL E O JUNHO DOS INDIGNADOS**

A luta pelo transporte público e as Manifestações de Junho de 2013 em Imperatriz-MA

Monografia apresentada ao Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras – CCHSL, Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, como pré-requisito para obtenção de título de licenciado em História.

Orientadora: Prof. Dr. Regina Celia Costa Lima

IMPERATRIZ

2024



V735m

Vilela, Beatriz Viana

O movimento fora VBL e o junho dos indignados: A luta pelo transporte público e as Manifestações de Junho de 2013 em Imperatriz - MA. / Beatriz Viana Vilela. – Imperatriz, MA, 2024.

93 f.; il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2024.

1. História do Brasil. 2. Movimento fora VBL. 3. Transporte público – manifestações. 4. Imperatriz - MA. I. Título.

CDU 94(81):323.264

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Mateus de Araújo Souza CRB13/955**

**BEATRIZ VIANA VILELA**

**O MOVIMENTO FORA VBL E O JUNHO DOS INDIGNADOS:**

A luta pelo transporte público e as Manifestações de Junho de 2013 em Imperatriz-MA

Monografia apresentada ao Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras – CCHSL, Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, como pré-requisito para obtenção de título de licenciatura em História.

Aprovada em: 15/03/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Regina Célia Costa Lima  
Doutora em Estudos Históricos Latino-Americanos  
Orientador- UEMASUL

---

Carmem Barroso Ramos  
Doutora em História  
Examinadora - UEMASUL

---

Jessé Gonçalves Cutrim  
Mestre em Desenvolvimento e Planejamento Territorial  
Examinador- UEMASUL



## RESUMO

A pesquisa em questão, tem como objetivo analisar o Movimento Fora VBL e as Manifestações de Junho, no contexto da crise do transporte público em Imperatriz-MA, no ano de 2013. O estudo explora os acontecimentos e a cultura política forjada no interior dos movimentos de protestos, assim como, as táticas de enfrentamento dos agrupamentos que se organizavam contra a precariedade do serviço de transporte público na cidade. Investiga como as disputas internas em Imperatriz-MA convergiam com os levantes populares que aconteciam nacionalmente, em 2013, considerando o papel do espaço geográfico enquanto catalisador dos conflitos sociais. Para tanto, a pesquisa utiliza o levantamento de dados jornalísticos da imprensa local, bem como o método de pesquisa em história oral temática, por meio de entrevistas com ex- integrantes do Movimento Fora VBL e testemunhas oculares dos acontecimentos.

**Palavras-Chave:** Manifestações de Junho de 2013; Movimento Fora VBL; Direito à Cidade; História Oral.



## **ABSTRACT**

The research in question aims to analyze the Movimento Fora VBL and the June Demonstrations, in the context of the public transport crisis in Imperatriz-MA, in 2013. The study explores the events and political culture forged within the movements of protests, as well as the confrontation tactics of the groups that were organized against the precariousness of the public transport service in the city. It investigates how internal disputes in Imperatriz-MA converged with the popular uprisings that took place nationally in 2013, considering the role of geographic space as a catalyst for social conflicts. To this end, the research uses the collection of journalistic data from the local press, as well as the research method in thematic oral history, through interviews with former members of the Movimento Fora VBL and eyewitnesses of the events.

**Keywords:** June 2013 Protests; Fora VBL Movement; Right to the City; Oral History.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACII-** Associação Comercial de Imperatriz
- ANEL-** Assembleia Nacional dos Estudantes Livre
- CA-** Centro Acadêmico
- CUT-** Central Única dos Trabalhadores
- DCE-** Diretório Central dos Estudantes
- FEST-** Faculdade de Educação Santa Teresinha
- IBGE-** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IBOPE-** Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
- IFMA-** Instituto Federal do Maranhão
- MPL-** Movimento Passe Livre
- MST-** Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
- PcdoB-** Partido Comunista do Brasil
- PMDB-** Partido do Movimento Democrático Brasileiro
- PRF-** Polícia Rodoviária Federal
- PSOL-** Partido Socialismo e Liberdade
- PSTU-** Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados
- PT-** Partido dos Trabalhadores
- SETRAN-** Secretaria Municipal de Trânsito
- SIM-** Sistema Imperatriz de Mobilidade
- SindSaúde-** Sindicato dos Trabalhadores em Serviço de Saúde
- STEEI-** Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino
- UEMA-** Universidade Estadual do Maranhão
- UFMA-** Universidade Federal do Maranhão
- UNE-** União Nacional dos Estudantes
- VBL-** Viação Branca do Leste



## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família cujo os ensinamentos ressoaram durante toda essa minha trajetória, e que me ensinou o valor da educação enquanto instrumento de emancipação humana. Sou grata por cada gesto de carinho e cada puxão de orelha de recebi dos meus pais durante meus anos de colégio e faculdade me ajudando a crescer enquanto pessoa e me desenvolver profissionalmente. Agradeço por se fazerem presentes em minha vida.

Agradeço também, a todos aqueles a quem chamo de amigos e que nossas vidas se cruzaram durante a graduação. Sou profundamente grata por compartilhar com vocês os melhores, assim como os mais desafiadores, momentos durante essa etapa tão significativa em nossas vidas. Vocês tornaram tudo mais leve.

A meus professores, que me acompanharam durante a graduação e que estiveram orientando a todo momento a construção desse projeto, meus mais profundos agradecimentos.

Por último, mas não menos importante, desejo expressar minha profunda gratidão e ressaltar a importância do Centro Acadêmico de História - Nice Rejane em minha trajetória. Se revelando enquanto um espaço de construção política de extrema importância. Me permitindo compreender o meu papel enquanto historiadora e agente de transformação social. Enfatizou a importância da organização coletiva e reforçou minha compreensão de que não existem soluções individuais diante dos problemas da sociedade em que vivemos.



*Dedico este trabalho às vozes indignadas que insurgiram pelas ruas de Imperatriz em 2013, abrindo caminho e deixando um legado aos junhos que ainda virão...*



*“O velho está morrendo e o novo não pode nascer;  
neste interregno, uma grande variedade de  
sintomas mórbidos aparece”*

*(Cadernos do Cárcere - Antônio Gramsci)*



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	9
2. A CIDADE EM DISPUTA .....	12
2.1 O que é cidade? .....	12
2.2 A luta de classes e a crise urbana nas cidades brasileiras .....	15
2.3 A cidade como objeto e palco das lutas sociais .....	19
3. A CRISE FINANCEIRA, A PRIMAVERA ARABE E OS INDIGNADOS AO REDOR DO MUNDO .....	23
3.1 A crise econômica .....	23
3.2 Primavera Árabe .....	25
3.3 Os Occupys e os indignados ao redor do mundo .....	27
4. FRUSTRAÇÃO RELATIVA E O ESGOTAMENTO DO MODELO LULISTA .....	29
5. O JUNHO BRASILEIRO .....	34
5.1 Breve histórico sobre o MPL e a crise do transporte público .....	35
5.2 Junho nas ruas .....	37
5.3 Os sentidos de junho: A dimensão política das reivindicações .....	41
5.4 As vozes de Junho: O perfil dos manifestantes, o modus operandi e os novos sujeitos sociopolíticos .....	44
5.5 Ainda sobre Junho .....	48
6. O MOVIMENTO FORA VBL E O LEVANTE POPULAR EM IMPERATRIZ-MA .....	50
6.1 Imperatriz: Polo Econômico e cultural do Sudoeste Maranhense - Entre os ciclos econômicos e a transformação urbana .....	50
6.2 O surgimento e os desafios do transporte público em Imperatriz .....	53
6.3 Fora “Viação Balde de Lixo!!!” A indignação toma conta das ruas de ITZ .....	55
6.4 Junho: Para além do chamado nacional .....	64
6.5 Nota sobre o 1º de Maio, as disputas internas e o antipartidarismo .....	74
6.6 Das conquistas do movimento .....	79
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	84
FONTES DOCUMENTAIS .....	86



## 1. INTRODUÇÃO

Em junho de 2013, o Brasil testemunhou uma das maiores ondas de protestos e manifestações populares da história recente do país, marcando o início de uma nova conjuntura política. As manifestações desafiaram os princípios da democracia representativa liberal ao questionar a capacidade das instituições políticas tradicionais de atenderem às demandas da sociedade. Além disso, destacaram a intensificação de várias crises que ultrapassavam os limites dos sistemas políticos estabelecidos, abordando questões como desigualdade social, deficiências nos serviços públicos e a falta de democracia real. Entre junho e agosto do mesmo ano, aproximadamente 12 capitais e 483 municípios brasileiros se envolveram nos conflitos, representando uma das maiores sequências de manifestações desde a redemocratização do país (Gonh,2014).

Em Imperatriz, as “Manifestações de Junho” podem ser interpretadas através de uma série de levantes populares e protestos que ocorriam desde fevereiro de 2013 na cidade. Nesse contexto, usuários do serviço público de transporte enfrentavam desafios devido às condições irregulares e ao desempenho insatisfatório da Viação Branca do Leste, a empresa concedida para operar os serviços na cidade. Fazendo com que parte da população se organizasse politicamente exigindo a quebra de contrato da cidade com a empresa.

Essa pesquisa tem como objetivo analisar o Movimento Fora VBL e as Manifestações de Junho de 2013, incorporando a crise do transporte público em Imperatriz-Maranhão e os acontecimentos ocorridos durante esse período, bem como formas de resistência da população e as especificidades do contexto local. Além disso, pretende-se analisar como o Movimento Fora VBL e as manifestações em Imperatriz integram os acontecimentos da conjuntura nacional e internacional, representando seus sintomas.

Sua justificativa consiste na necessidade do avanço de uma historiografia dedicada ao resgate da memória e as experiências relacionadas às lutas pelo transporte público, conflitos urbanos, cultura política imperatrizense. Visando contribuir significativamente para a compreensão dos processos históricos responsáveis pela transformação do espaço urbano, bem como, aspectos relacionados à identidade da sociedade imperatrizense.

O primeiro capítulo, propõe uma reflexão a respeito do conceito de cidade e sua relação intrínseca enquanto um local de trabalho e moradia. As pesquisadoras Ermínia Maricato (2015) e Raquel Rolnik (1995) destacam a cidade enquanto cenário dos processos cruciais de reprodução social e da força de trabalho, questionando a forma como as cidades são construídas

para beneficiar o grande capital, tratando-as como mercadorias controladas pelas elites econômicas e agravando as desigualdades, revelando assim a luta de classes no interior das cidades. Além disso, o capítulo aborda, à luz do materialismo histórico e dos estudos de David Harvey (2014) e Henry Lefebvre (2001), o conceito de "direito à cidade" e como este se tornou central nos debates dos movimentos sociais do início do século XXI, focados na luta da questão urbana. Dessa forma, a cidade é apresentada como o palco e a pauta das lutas sociais.

No segundo capítulo, o foco é direcionado as insurgências globais que surgiram após 2010, influenciadas pela crise econômica de 2008 e por uma crise política subsequente. Esses protestos, ocorrendo em vários países, refletiram o descontentamento com o capitalismo financeiro e a falta de confiança da população nas instituições políticas. Destacam-se a Primavera Árabe, iniciada em 2010 no mundo árabe, e os "Occupys", que surgiram em 2011.

Posteriormente, no terceiro capítulo, é analisado a conjuntura nacional, enfatizando a disparidade entre a visão positiva de sucesso e avanço econômico promovida pelo governo e a realidade experimentada pelos brasileiros durante este período. Ao examinar o modelo lulista, o capítulo utiliza o conceito de "frustração relativa" como uma lente para entender, em partes, o sentimento de insatisfação evidenciado nos protestos de junho de 2013.

No capítulo "O Junho Brasileiro", realiza-se uma análise sobre as "Manifestações de Junho de 2013" no Brasil, considerando-as como um acontecimento histórico de contínua relevância, que marca a abertura de uma nova conjuntura política. Descrevendo o surgimento e o desdobramento dessas manifestações, que ocorreram em diversas cidades brasileiras, inicialmente motivadas pelo aumento das tarifas do transporte público. Além disso, investiga-se a dimensão política das manifestações, bem como o perfil dos manifestantes envolvidos e algumas características singulares desses eventos. Também são exploradas as diferentes chaves de interpretação usadas para compreensão desses eventos.

No último capítulo, direcionamos nossa atenção para as manifestações ocorridas em Imperatriz, Maranhão, durante o ano de 2013, período marcado por uma crise no sistema de transporte público. Nesse contexto, emerge o Movimento Fora VBL, objeto central de nossa análise. Investigamos o desenvolvimento dos acontecimentos entre fevereiro e agosto daquele ano, bem como sua relação com as ondas de protestos que ocorreram em todo o Brasil em junho de 2013.

A pesquisa se fundamenta em um levantamento de dados jornalísticos sobre a cidade de Imperatriz ao longo do ano de 2013, os quais foram obtidos por meio de fontes como o portal

de notícias Imirante, além dos jornais impressos Correio Popular e O Progresso. Paralelamente, será empregado o método da história oral temática, o qual envolve a condução de entrevistas com ex-integrantes do Movimento Fora VBL e testemunhas oculares dos eventos. Com o objetivo de consolidar uma pesquisa qualitativa sobre o tema, utilizando as experiências vivenciadas para elucidar os acontecimentos ocorridos durante o período estudado e auxiliar na reconstrução da cronologia dos eventos.

No contexto da formação do Movimento Fora VBL, é relevante destacar a criação da comunidade intitulada “Movimento #ForaVBL”, na plataforma de rede social *Facebook*, em fevereiro de 2013. O conteúdo gerado por essa página será utilizado como fonte primária de investigação para analisar a dinâmica organizacional do movimento e a sequência de eventos que ocorreram em Imperatriz durante este período<sup>1</sup>.

**Tabela 1:** Lista de entrevistados

<b>ENTREVISTADO/ ATUAÇÃO</b>	<b>DATA</b>	<b>LOCAL/DURAÇÃO DA ENTREVISTA</b>
Entrevistado FB- Vestibulando/ Militante do Movimento Fora VBL	24/02/2023	Presencial/22 Minutos
Entrevistado SF- Estudante secundarista/ Militante do Movimento Fora VBL	02/03/2023	Presencial/ 40 Minutos
Entrevistado WL – Estudante da UFMA/Militante do PSTU e do Mov. Fora VBL	16/03/2023	Presencial/ 57 Minutos
Entrevistado F- Estudante do IFMA	20/03/2023	Presencial/ 21 Minutos
Entrevistado J.E– Estudante UFMA/Membro Fundador do Movimento Fora VBL	28/03/2023	Virtual/ 34 Minutos

(Beatriz Vilela,2024)

<sup>1</sup> É importante ressaltar que o presente estudo não aborda todas as manifestações ocorridas em Imperatriz no ano de 2013, mas concentra-se na análise dos protestos convocados pelo Movimento Fora VBL e nas convocações nacionais. Reconhece-se que, além dos protestos voltados para a questão do transporte coletivo na cidade durante o período em questão, também houveram outras manifestações de trabalhadores que reivindicavam melhorias em suas respectivas áreas e/ou a preservação de seus direitos. Um exemplo disso foi a "Revolta da Panelada", que teve lugar na Bernardo Sayão (Imirante, 16/08/2013), além de paralisações que ocorreram em cidades circunvizinhas a Imperatriz, influenciadas de certa forma pelas manifestações na cidade (Imirante, 02/08/2013).

## 2. A CIDADE EM DISPUTA

### 2.1 O que é cidade?

Ao refletir sobre o conceito de cidade, a renomada arquiteta e urbanista Raquel Rolnik (1995). Destaca a construção e o surgimento das primeiras cidades, como sendo um empreendimento fruto da imaginação e trabalho coletivo dos homens. Nesse processo, à medida com que as comunidades humanas se sedentarizavam, uma nova forma de relação com a natureza se estabelecia, fundamentada na necessidade de garantir a dominação de um território fixo, visando à perpetuação da comunidade.

De um ponto de vista histórico, a formação das primeiras cidades se confunde com o momento em que o homem passa a se dedicar as atividades agrícolas, desenvolvendo técnicas cada vez mais avançadas para o cultivo. Permitindo a produção dos excedentes agrícolas, que por sua vez possibilitou a fixação das comunidades humanas agravando para surgimento das primeiras cidades (Carlos, 2008 apud Schuhardt; Chagas 2020). Nesse sentido, cidade estabelece uma conexão intrínseca com o local de trabalho e moradia, os quais são possíveis a partir do excedente de produção gerado pela comunidade (Carlos, 2008; Rolnik, 1988 apud Schuhardt; Chagas 2020).

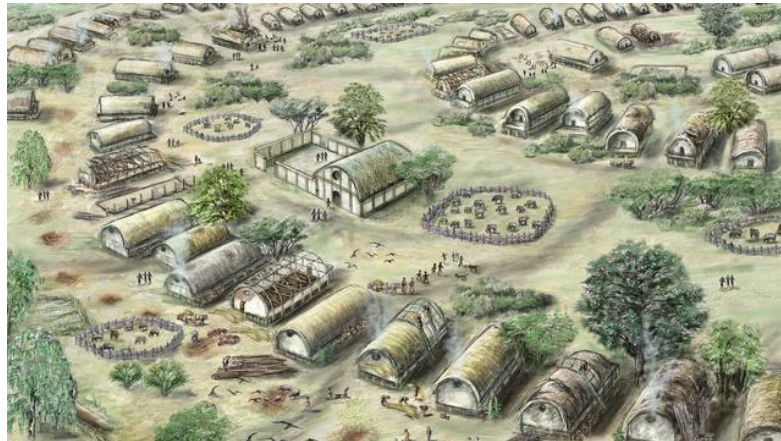
O surgimento das cidades e a vida coletiva, trouxeram consigo a necessidade de organização e administração da vida urbana seguido pela gestão da produção coletiva. Além disso, sua existência material é inerente à sua existência política, pois é na cidade onde se manifestam relações de poder, governança e tomada de decisões que moldam o espaço e a vida em sociedade. Rolnik (1995) identifica uma série de elementos que caracterizam o movimento do espaço urbano. Primeiramente, uma das noções básicas para se entender cidade, seria levar em conta sua capacidade de se comportar como um “imã”, a maneira com que os homens ocupam o espaço.

Vinculada à concepção de território, a cidade teve seu surgimento a partir das aglomerações populacionais em torno de recursos naturais, com o objetivo de obter vantagens para a sobrevivência. [...] Observando que o homem a partir de então pôde se dedicar a outra função que não a de plantar, a produção do espaço se dá pela intervenção dos indivíduos na sociedade a partir de suas iniciativas individuais de transforma-lo (Rolnik, 1988 apud Schuhardt; Chagas 2020, p.43).

A garantia de domínio sobre o espaço está na apropriação material e ritual do território. E assim, os templos se somam a canteiros e obras de irrigação para constituir as primeiras marcas do desejo humano de modelar a natureza. (Rolnik, 1995, p.13-14).

Assim, desde o surgimento das primeiras cidades, ao lado dos locais de cerimônias e representação do poder simbólico, também já prevaleciam os edifícios consoantes a reprodução e manutenção da vida na comunidade (a criação de feiras, rotas comerciais, oficinas, residências, etc...). Afim de que o homem obtivesse sucesso em seu projeto de fixação e dominação da natureza. Ao mesmo tempo em que construíam e ocupavam o território, era necessário que o homem se dedicasse a organização do trabalho social, anunciando assim as primeiras formas de elaboração política.

**Imagem 1:** Primeiros ajuntamentos humanos



**Fonte:** Susanne Beyer/Kiel University, 2024

Segundo Rolnik (1995), as cidades também se constituem em uma forma de escrita/discurso. Essa relação, se baseia na necessidade de registrar ou memorizar elementos das experiências da vida cotidiana. Sejam para fins contábeis e tecnológicos; com o registro dos excedentes de produção, demarcadores sociais, divisão de terras, descobertas científicas; até mesmo o conteúdo alinhado com as expressões culturais e preservação da memória coletiva. A cidade conta uma história, e essa corresponde a singularidade da identidade da sociedade que a precede.

Não somente os textos que a cidade produz e contém (documentos, ordens, inventários) que fixam esta memória, a própria arquitetura urbana também cumpre esse papel. (Rolnik, 1995, p.17)

A arquitetura da cidade é ao mesmo tempo continente e registro da vida social: quando os cortiçados transformam o palacete em maloca estão, ao mesmo tempo, ocupando e conferindo um novo significado para um território; estão escrevendo um novo texto. É como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases (Rolnik, 1995, p.19).

É da necessidade de gestão da vida coletiva, que emerge a dimensão da cidade como organização político social. Seguindo com a constituição de um poder urbano, centralizado no entorno das cidades e encarregado de uma autoridade político-administrativa sobre o conjunto dos habitantes (Rolnik,1995). Sua estrutura reproduz uma hierarquia, expressa a partir do local do indivíduo nessa sociedade, assim como a divisão do trabalho e concepção de classe social. Esse indivíduo pode assumir desde o papel de dirigente do poder urbano, baseado na manutenção de privilégios espaciais, até mesmo como participante submisso a regulação dos agentes políticos em relação ao território.

Dessa forma, tendo o espaço urbano como representação de organização política, econômica e social e sua compreensão não fixada somente no espaço físico, tem-se a cidade como imagem e discurso, interpretada nos planos individuais e coletivos, a partir da expressão de ações e de sentimentos (Coelho,2012; Pesavento,2007 apud Schuhardt; Chagas, 2020, p. 43)

Nesse sentido, a cidade se apresenta ao mesmo tempo como uma tentativa de organização do espaço e a expressão de relações políticas (Rolnik,1995). Na medida em que, centralidade do poder urbano se mantém, desde as cidades antigas até as metrópoles contemporâneas. Estas últimas, se destacando através de experiências multifacetadas, lado a lado com o desenvolvimento das novas tecnologias, que se aprimoram no sentido de colaboração com a ordem e controle das estruturas sociais/espaciais.

Ao que parece estamos diante de um paradoxo: nessas metrópoles acentradas do ponto de vista espacial, nunca o poder urbano foi tão centralizado – a instantaneidade do computador e da imagem do vídeo permitem a existência de sistemas de controle organizados em estruturas fortemente centralizadas, sem que isso implique necessariamente concentração espacial. (Rolnik,1995, p.25)

Ao contrário das cidades antigas, em que prevaleciam as grandes muralhas delimitando rigorosamente o domínio espacial (seja para a proteção contra a invasores externos, ou para regulação da natureza), assim também, haviam prédios centrais a qual era possível identificar as sedes do poder. Nas grandes metrópoles contemporâneas é perceptível uma ruptura com esse modelo, a medida com que a dinâmica das cidades passa a encarar e se caracterizar pelo desafio do grande fluxo e circulação de pessoas e capital, assim como a existência de vários centros urbanos, onde não mais existe um lugar específico em que se centralize as sedes do poder. As relações das novas cidades, se estendem por além das barreiras e limites espaciais (Rolnik,1995).

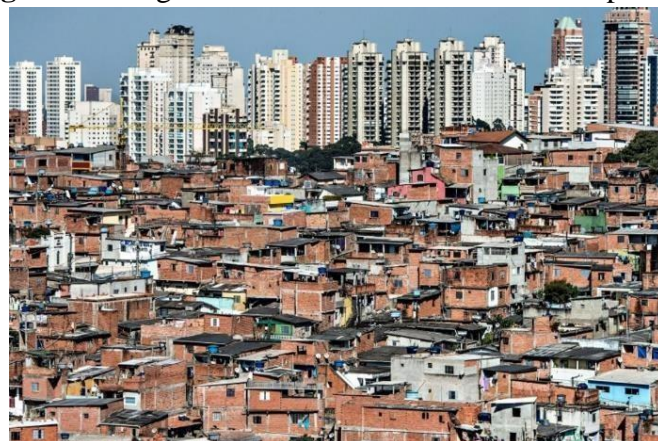
Há ainda no interior das cidades, o movimento de disputas e resistências no sentido da apropriação do espaço urbano. Rolnik (1995), exemplifica esse caráter fazendo menção as formas de ocupação simbólica do espaço público, como acontece durante as manifestações, passeatas ou barricadas montadas pelos cidadãos desafiando o poder urbano. Assim também, ocorre nas festas populares e religiosas, o espaço urbano toma uma dimensão simbólica diferente, resignificando e apresentando possibilidades de retomada e democratização das cidades, nesses momentos as “muralhas invisíveis” que regulam o espaço mantendo as divisões sociais, se salientam pela ausência.

Rolnik (1995), apresenta ainda duas outras dimensões na interpretação da definição de cidade. A primeira, a cidade como mercado, relacionada ao excedente de produção à especialização de tarefas e o fenômeno da mercantilização do espaço urbano; e a cidade do capital, em que domina a expansão e a lógica das relações capitalistas e neoliberais (Schuhardt; Chagas 2020). Tema que será ainda bastante explorado ao longo desse trabalho a partir da perspectiva de outros autores diante a questão urbana.

## **2.2 A luta de classes e a crise urbana nas cidades brasileiras**

É na cidade em que ocorrem os processos fundamentais para a manutenção e reprodução da força de trabalho, além da reprodução social (Maricato,2015). No decorrer desse processo, inicialmente interpretado por Marx (2011), o sistema capitalista deve fornecer as condições necessárias para que os trabalhadores possam não somente garantir sua subsistência, mas também assegurar que haja renovação da população que compõe a força de trabalho. Afim de propiciar a continuidade da produção.

**Imagem 2:** Desigualdade social nas cidades contemporâneas



**Fonte:** Yasuyoshi Chiba/AFP, 2012

[...] a existência das cidades precede o capitalismo. No entanto, com elas as cidades mudam. E mudam a tal ponto que é impossível pensá-las sem elas. (Maricato, 2015, p.17)

Implica, no fato de que o trabalhador necessita da garantia a serviços de transporte, educação, infraestrutura, lazer, saúde, moradia, etc. E um amplo conjunto de políticas públicas para que consiga se reproduzir no espaço urbano. Demandas cotidianas que não apresentam uma solução individual, em meio ao capitalismo, a compensação das mesmas de maneira satisfatória depende diretamente do fortalecimento do Estado enquanto regulador das desigualdades. No entanto, a medida com que os interesses neoliberais avançam, as cidades se tornam cada vez mais segregadas (Maricato, 2015).

Diferentemente da chamada reprodução simples da força de trabalho, a reprodução ampliada não depende apenas do salário – ou, em termos mais precisos, da taxa de salário - mas também de políticas públicas, partes das quais são especificamente urbanas, como se estas constituíssem um salário indireto. Um aumento de salário pode ser absorvido pelo alto custo do transporte ou moradia, por exemplo.” (Maricato, 2015, p.22)

“Existe luta de classe nas cidades”. A pesquisadora Ermínia Maricato (2013), defende essa afirmação, denunciando a insuficiência de produção científica voltada ao estudo da questão urbana no Brasil, e a ausência da pauta dentro da agenda política dos representantes da ala de esquerda. Maricato (2015), utiliza a expressão “analfabetismo urbanístico/ geográfico”, para se referir ao desconhecimento por parte de intelectuais e setores da esquerda política em relação a realidade material do país, em especial, ao que diz respeito a realidade experimentada no ambiente construído. Esses dois agentes, tendem a negligenciar a relação do território e espaço dentro das análises sobre políticas públicas e reforma urbana.

[...] o capital em geral busca moldar o ambiente urbano às suas necessidades, mas interessa destacar aqui um conjunto dos capitais que tem interesse específico na produção do espaço urbano, por meio do qual se reproduzem obtendo lucros, juros ou rendas. Faz parte desse grupo específico os seguintes capitais: 1) incorporação imobiliária; 2) capital de construção de edificações; 3) capital de construção pesada ou de infraestrutura; e 4) capital financeiro imobiliário. (Maricato, 2015, p.22)

As cidades, se apresentam como mercadoria nas mãos das elites econômicas, um produto gerado a partir de relações de produção. Entre essas elites, se destacam o capital imobiliário e as empreiteiras de infraestrutura que disputam o monopólio do espaço urbano. Nesse ponto, é crucial reconhecer a terra como uma mercadoria especial, pois as condições referentes a sua localização e ao terreno em si não podem ser reproduzidas. Em resposta a essa

condição, as cidades lidam com a especulação imobiliária, que por sua vez alimenta fenômenos conhecidos como a gentrificação e a segregação urbana (Rolink,1995).

Existe um interesse específico, do setor imobiliário com relação às legislações e aos fundos públicos voltados para obras de desenvolvimento urbano. O capital, procura influenciar diretamente nas políticas públicas e regulamentação urbana, afim de promover seus interesses econômico (Rolink,1995). Em função disso, os *lobbies* imobiliários garantem sua participação atuando ativamente junto aos poderes Executivos e Legislativo, em diferentes níveis governamentais, se beneficiando com a implantação medidas que vão desde a flexibilização da regulamentação de uso do solo a isentivos fiscais.

Levando em conta que essas estratégias podem impactar diretamente no mercado imobiliário e maximizar as oportunidades de lucro desses setores (Maricato, 2015). Já que, uma propriedade consegue obter aumentos significativos em seu valor comercial com a construção, por exemplo, de um parque ou uma estação de metrô em suas proximidades. Ou como a permissão para construção de um empreendimento horteleiro situado em uma área de preservação ambiental possa ser interessante ao mercado.

Ainda do ponto de vista econômico, as grandes obras, assim como a construção da infraestrutura pública, representam uma oportunidade importantíssima para o capital aplicado da ares da construção, na medida em que abrem frentes de investimento para empresas do setor (Rolnik, 1995, p. 70).

O ambiente urbano expõe um recorte de classes, prevalecendo no interior das cidades uma divisão socioespacial. A existência de bairros privilegiados, ocupados por uma elite social e econômica, que desfruta de melhores condições de infraestrutura, serviços públicos e qualidade de vida. Em oposição a existência de centros periféricos, negligenciados pelo poder público e que abrigam às populações de baixa renda. A segregação espacial, evidencia a disparidade no tratamento oferecido pelas autoridades administrativas em relação a diferentes áreas da cidade. Essa disparidade se reflete na forma como os recursos e políticas públicas são direcionados, muitas vezes privilegiando as classes sociais mais abastadas (Rolink,1995). Enquanto os bairros menos privilegiados, enfrentam uma situação delicada ao que diz respeito ao acesso a serviços de infraestrutura, transporte, saúde, lazer, e outros recursos básicos. Ficando à mercê do clientelismo político.

Nesse contexto, também ocorre os processos de gentrificação. Áreas antes ocupadas por uma arquitetura e população de baixa renda são alvos da especulação imobiliária, que se apropria do espaço remodelando seu território e o transformando em áreas de alto padrão, ao se

deparar com um potencial de lucro (Rolnik,1995). Nesse sentido, o processo acarreta na expulsão dos pobres do centro das cidades, a medida com que essas áreas se valorizam e se tornam mais interessantes para investimentos imobiliários, ocorre um aumento não só nos preços dos imóveis, como também no mercado em sua volta, inviabilizando a permanência dos moradores de baixa renda. Há o enfrentamento das populações pobres com a sutileza dos mecanismos do capital que se encontram aliados com o aparato das forças do Estado.

O fenômeno de expulsão dos pobres do centro das cidades traz consigo consequências significativas, uma vez que muitas vezes essas populações são deslocadas para áreas periféricas, distantes dos serviços públicos, oportunidades de emprego e infraestrutura adequada. Abrindo margem também, para a ocupação de áreas e construção de edifícios irregulares a sombra do descaso da ausência de políticas habitacionais. Colaborando com a segregação socioespacial, aumentando as desigualdades urbanas e dificultando o acesso aos direitos básicos. A gentrificação, acarreta consequências devastadoras para as comunidades afetadas. Com efeito, além da perda de sua moradia essas comunidades também sofrem com a perda de sua identidade e senso de pertencimento.

Em suas análises no contexto nacional, Vainer (2013) desvelou um ponto de mercantilização da cidade verificada nas remoções forçadas nas cidades sedes da Copa do Mundo em 2014. Nessas localidades, comunidades pobres foram removidas para o embelezamento ou para a construção de estruturas para mega-eventos, e, segundo cálculos do autor, cerca de 250 mil pessoas foram retiradas de suas casas. Para ele, essa é a prova de que a cidade neoliberal se desenvolve em um ritmo excludente e é responsável por diversas mazelas, entre essas a favelização, criminalidade e degradação do ambiente (Vainer,2013 apud Schuhardt; Chagas, 2020, p.45)

Portanto o que vai caracterizar esta cidade dividida é, por um lado, a privatização da vida burguesa e, por outro, o contraste existente entre este território do poder e do dinheiro e o território popular. A questão da segregação ganha sob esse ponto de vista um conteúdo político, de conflito: a luta pelo espaço urbano. (Rolnik,1995, p.88)

A cidade é demarcada por fronteiras imaginárias que separam as zonas nobres das populares; os condomínios fechados das periferias; as regiões comerciais dos locais de moradia. Como antes já foi abordado, em seu interior existem disputas básicas, que compreendem os interesses as elites capitalistas em oposição às necessidades da população trabalhadora. Nesse sentido, o capital interpreta a cidade como uma mercadoria, e está comprometido com a maximização de seus ganhos a partir da exploração do espaço urbano orientado pelo seu valor de troca. Por outro lado, os trabalhadores se apropriam do valor de uso das cidades, enquanto almejam condições dignas para que consigam se reproduzir socialmente (Maricato,2015).

Nessa acepção, o poder urbano funciona na cidade capitalista como uma instância que controla os cidadãos, produz as condições de acumulação para o capital e intervém nas contradições e conflitos na cidade (Rolnik,1995, p.77).

Outro ponto a ser lembrado, condiz com a impossibilidade da população, mediante a seus ganhos salariais de maneira individual, conseguir reproduzir todas as condições necessárias para sustentação da vida urbana. Aqui também se inclui parte burguesia que como, explica Maricato (2013), também não dá conta de prover todos os equipamentos necessário para uma reprodução ampliada. Mesmo diante a um cenário hipotético de aumentos salariais expressivos e uma maior distribuição de renda, estas condições seriam engolidas e surgiriam pouco efeito diante a realidade de um aumento na tarifa de transportes ou a necessidade de o trabalhador ter que arcar sozinho com uma despesa extra para ter acesso a serviços de saúde por exemplo. A justiça urbana só pode ser alcançada por meio da uma perspectiva de distribuição de cidade, e isso requer especialmente da implementação da reforma fundiária (Maricato, 2013).

### **2.3 A cidade como objeto e palco das lutas sociais**

Desde 2011, uma série de mobilizações urbanas ganharam força internacionalmente (Colosso, 2020). Denunciando a indignação coletiva da população diante da crise de representação que se instalava na política, originada pelas contradições na resposta das autoridades públicas à crise econômica de 2008 e à ascensão do neoliberalismo. O progressivo declínio do modelo econômico keynesiano, que apresentava o Estado como promotor de "bem-estar social", em contraste com a maneira pela qual os governantes protegiam o monopólio das grandes corporações em momentos de crise, implementando políticas de austeridade e moldando as cidades de acordo com os interesses do capital (Colosso, 2020).

O direito à cidade “não pode ser concebido como um simples direito de visita ou a um retorno às cidades tradicionais”. Ao contrário, “ele pode ser formulado como um renovado e transformador direito à vida urbana”. A liberdade da cidade é, portanto, muito mais que um direito de acesso àquilo que já existe: é o direito de mudar a cidade mais de acordo com o desejo de nossos corações (Lefebvre, 1996 apud Harvey, 2013)

Durante as mobilizações, percebe-se o ressurgimento do conceito de “direito à cidade”, que passa a assumir uma posição central nos debates e reivindicações dos movimentos de luta urbana (Tavolari,2016; Colosso,2020). No contexto brasileiro, o Movimento Passe Livre, um dos principais expoentes na luta pelo transporte coletivo a favor da implementação da política

de taxa zero nas passagens, adota como mote a frase “Uma cidade só existe para quem pode se movimentar por ela”. Reivindicando e atribuindo sentido ao direito a cidade, sugerindo que o aumento nas tarifas das passagens representaria a violação não só o direito a transporte, mas também “o direito a experiencia da cidade para quem não pudesse pagar por ela” (Tavolari, 2016, p.106).

**Imagem 3:** Movimento dos Trabalhadores sem Teto SP



**Fonte:** Renato Gabriel/Fotoarena/Fotoarena/Estadão Conteúdo,2017

Outro exemplo, seria a forma com que os movimentos de luta por moradia também passaram a incluir a noção de direito à cidade dentro do debate de reforma fundiária. No sentido, de que sem acesso a moradia o indivíduo seria excluído de participar fisicamente do corpo das cidades e seus laços sociais, não existindo o sentimento de pertencimento (Tavolari, 2016). Além de que, “conseguir um emprego ou usufruir da maioria dos serviços públicos se tornariam tarefas impossíveis” (Tavolari, 2016, p.106). Segundo Harvey (2014), o espaço público se apresenta como local do conflito pelo direito à cidade, considerando que é nele em que se manifesta e reproduz a vida urbana, ao mesmo tempo em que consiste em seu próprio objeto de reivindicação. Reconhecendo nos conflitos urbanos uma “ferramenta para a leitura das cidades por revelar as desigualdades existentes, a diversidade de interesses e de agentes sociais” (Vainer, 2011; Harvey,2014 apud Simão; Gonçalves,2019, p. 1651). Para Harvey (2013), o direito à cidade não é um “presente”, mas precisa ser tomado como luta.

Originalmente, o conceito de “direito à cidade” foi desenvolvido pelo filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre, no contexto parisiense em meados de 1960. O autor, o define como um direito a não exclusão da sociedade aos recursos e acesso à vida urbana, (Lefebvre, 2001 apud Schuhardt; Chagas 2020). Para Lefebvre, o direito à cidade assume uma posição tanto de um diagnostico do processo do avanço da urbanização, como também ganha uma dimensão pratica reivindicativa diante a proposta de tomada da transformação do espaço urbano de acordo com as necessidades e participação de seus habitantes (Colosso, 2020).

O conceito surge em um período da história no qual a cidade de Paris enfrentava grandes mudanças: alterações constantes no cenário político e econômico, a transformação da vida cotidiana (em especial o afastamento, ou como aponta Lefebvre, a marginalização das pessoas do centro da cidade) e a degradação do modo de vida dos cidadãos, da vivência nas praças e nos ateliês pela promoção de grandes espaços comerciais (Lefebvre, 2001 apud Schuhardt; Chagas, 2020, p.47).

Lefebvre (2001), examina o contexto parisiense revelando a dinâmica da segregação urbana. O Estado se volta para suprir os interesses do capital, excluindo e afastando a população pobre dos centros e das riquezas da cidade. Lefebvre argumenta que o direito à cidade não pode ser totalmente compreendido ou alcançado apenas no campo jurídico das instituições, já que essas instancias podem limitar seu poder transformador e democrático, mas deve ser tomado através da mobilização social e da luta política. Destacando a importância das insurreições e das mobilizações sociais como momentos em que a população se reapropria dos espaços públicos na forma de ocupação de terrenos, praças, edifícios, prefeituras, etc. Reivindicando o direito à cidade de forma direta e coletiva (Colosso,2020; Harvey, 2013).

**Imagem 4:** Movimento Passe Livre convoca manifestações contra o aumento da tarifa



**Fonte:** RODA VIVA, 2013

Em contribuição, a pesquisadora Ermínia Maricato apresenta o direito à cidade como um elemento aglutinador de diversas lutas urbanas, vinculando a noção de cidadania (Colosso,2020). Maricato argumenta que o direito à cidade não se limita apenas ao acesso físico ao espaço urbano, convidando a refletir na maneira com que as cidades são produzidas de maneira desigual, mas também envolve o acesso a serviços públicos de qualidade, moradia adequada, mobilidade urbana, meio ambiente saudável e participação efetiva na tomada de decisões que afetam a vida urbana (Tavolari, 2016). A pesquisadora, defende que o direito à cidade culmina na agenda política da reforma urbana, para ela o direito à cidade não seria apenas

uma demanda dos movimentos sociais, mas uma questão central para a construção de cidades mais justas e sustentáveis (Tavolari, 2016).

De acordo com Rolnik (2013), as cidades brasileiras são cada vez mais e em vários momentos não apenas palco, mas objeto de intervenções de movimentos coletivos que questionam os atuais modelos de desenvolvimento e as formas de fazer política, bem como a precariedade dos serviços públicos e prioridade dos investimentos por parte do Estado. (Schuhardt; Chagas 2020, p.47-48).

Durante as manifestações de junho de 2013, houve a explosão e reapropriação dos sentidos do termo “direito à cidade” (Colosso, 2020). Impulsionado pelo aumento das tarifas dos transportes públicos, as Manifestações de Junho representaram de maneira contraditória uma abertura e encorajamento de diversas forças sociais, transbordando a pauta da mobilidade urbana a diversos movimentos que visavam desde a ocupação dos espaços e serviços públicos a aqueles que lutavam pelo acesso à terra urbanizada (Colosso, 2020).



### 3. A CRISE FINANCEIRA, A PRIMAVERA ARABE E OS INDIGNADOS AO REDOR DO MUNDO

A partir do final de 2010, o cenário internacional testemunhou uma série de manifestações que eclodiram em diversos países ao redor do mundo (Arafa; Silva; Santos, 2021). Destacam-se entre as principais causas desses levantes a conjunção dos efeitos da crise econômica de 2008 e uma crise de representação política (Amaral; Fiedler; Medina, 2018). Nesse contexto, milhões de manifestantes ocuparam<sup>2</sup> ruas, avenidas e praças, expressando seu descontentamento diante dos efeitos econômicos da crise e da falta de confiança nas instituições políticas. Embora os movimentos estivessem localizados em contextos diversos, percebe-se que a maioria das demandas apontavam para uma rejeição ao capitalismo financeiro e à sua influência sobre os governos (Castells, 2017 apud Amaral; Fiedler; Medina, 2018).

No ano de 2008, “a crise do capitalismo global” teve sua fase mais crítica com o colapso das grandes instituições financeiras dos Estados Unidos e os primeiros processos de recessão e a exportação da crise para o restante do mundo (Duménil; Levy, 2011 apud Vieira, 2020, p.54).

#### 3.1 A crise econômica

O início da crise econômica de 2008, pode ser atribuído à maneira pela qual bancos norte-americanos passaram a facilitar a obtenção de crédito e financiamentos, conhecido como *subprime*, sem muitas restrições até mesmo para indivíduos que não demonstravam condições de pagamento. Durante as negociações, essas pessoas poderiam colocar seus imóveis como garantia para os empréstimos (Alexandre, 2020, p.27-28). Nesse contexto, surgiram os chamados CDOs (Obrigações de Dívida com Garantia), em que os bancos começaram a vender títulos de dívidas para investidores ao redor do mundo. A ideia era que quando os devedores pagassem suas dívidas, os valores seriam repassados a esses investidores. No entanto, devido ao fato de os empréstimos apresentarem alto risco e os devedores não conseguirem cumprir com suas obrigações, os preços dos imóveis inflacionaram-se além da realidade, resultando no estouro da "bolha" imobiliária (Alexandre, 2020, p.28).

**Imagem 5:** Fachada do Banco Lehman Brothers sendo retirada

<sup>2</sup> A ocupação do espaço urbano nos faz refletir sobre a concepção de David Harvey (2009), que destaca o papel fundamental do espaço público como um elemento central para a promoção da justiça social, sendo um espaço comum e democrático (Harvey, 2009 apud Amaral; Fiedler; Medina, 2018, p.318).



**Fonte:** Andrew Winning/File Photo/Reuters,2010

Em 15 de setembro de 2008, um dos bancos mais tradicionais dos EUA foi a falência, o Lehman Brothers, sendo o estopim para a crise de confiança no mercado financeiro (G1, 2018). Dartot e Laval, analisam a crise das *subprimes* como uma “transição entre uma crise da dívida privada e uma crise da dívida pública, sob o efeito de mercados especulativos não controlados” (Dartot; Laval, 2016 apud Amaral; Fiedler; Medina, 2018, p.313). O cenário provocou um efeito cascata, diversos bancos ao redor do mundo anunciaram perdas bilionárias e a queda na bolsa de valores alarmou o sistema financeiro. Em resposta, governos do mundo todo resolveram intervir elaborando planos para recuperação da economia, injetando recursos públicos para salvar as instituições financeiras (Amaral; Fiedler; Medina, 2018, p.313-314).

Como resultado, um grande número de pessoas tivera de devolver suas casas para os bancos e a taxa de desemprego aumentou significativamente. Enquanto os governos destinavam grande parte dos fundos públicos para resgatar as grandes empresas, a população sofria com a aplicação de políticas de austeridade e redução dos direitos trabalhistas. No final, os bancos principais responsáveis pela crise mantiveram os grandes lucros enquanto o prejuízo veio, este foi socializado para a população (Alexandre, 2020; Colosso, 2020).

Centenas de milhares de pessoas perderam suas casas e milhões perderam grande parte do valor pelo qual haviam trocado suas vidas. Então o sistema financeiro chegou à beira do colapso em consequência da ganância de seus administradores que foram socorridos com o dinheiro os contribuintes. [...] as empresas financeiras sobreviventes cortaram os empréstimos, fechando milhares de firmas, eliminando milhões de empregos e reduzindo profundamente os salários (Castells, 2017, apud Amaral; Fiedler; Medina, 2018, p. 313).

Os impactos da crise não se limitaram aos EUA, diversos outros países<sup>3</sup> também entraram em recessão, em especial o caso da Grécia cuja a economia foi seriamente ameaçada fazendo com que o país recorresse a empréstimos junto ao Fundo Monetário Internacional. A crise econômica também afetou o contexto árabe, desencadeando o surgimento de uma série de manifestações no Oriente Médio e no Norte da África, que ficaram conhecidas como a Primavera Árabe<sup>4</sup> (Amaral; Fiedler; Medina, 2018).

### 3.2 Primavera Árabe

Em 17 de dezembro de 2010, um vendedor de frutas tunisiano chamado Mohamed Bouazizi, como forma de protesto contra o confisco de suas mercadorias e a repressão policial que enfrentou devido à falta de licença para venda, decidiu imolar-se, incendiando o próprio corpo em praça pública. Uma fotografia que acompanhava a cena capturou o momento do incidente e compartilhou a imagem na internet<sup>5</sup>, desencadeando não apenas uma revolta local, mas também uma onda de solidariedade internacional (Gohn,2014).

A imagem comoveu pessoas ao redor do mundo, despertando em muitos um senso de indignação diante da injustiça e opressão enfrentadas pela população. A Revolução de Jasmin, como ficou conhecida foi o ponto de partida para o início das revoltas populares que ocorreram no mundo árabe. Em menos de um mês após esse acontecimento, o presidente tunisiano da época, Zine el-Abidine Ben Ali, que estava no poder desde 1987, renunciou fugindo para a Arábia Saudita (Gohn,2014).

#### **Imagem 6:** Manifestações no mundo Árabe

<sup>3</sup> O então presidente Lula(2008), ao falar sobre a crise, disse: “se ela chegar aqui (ela lá é um tsunami) vai chegar uma marolinha, que não dá nem pra esquiar”. O governo adotava o então discurso de que o país estava preparado para o enfrentamento da crise e se preocupava com a parte da população mais frágil ao implementar programas de combate a pobreza (Silva,2014). Entretanto os agudos problemas sociais do Brasil se intensificaram diante a crise econômica, gerando mais desemprego e aumento do custo de vida (Vieira,2020).

<sup>4</sup> A Primavera Árabe é o termo utilizado para descrever a onda de manifestações que teve início na Tunísia em 2010 e se espalhou para outros países, como Egito, Bahrein, Iêmen, Líbia e Síria, embora com resultados bastante distintos em cada localidade. O mundo árabe é composto por 21 estados: Arabia Saudita, Argélia, Bahrein, Comores, Djibouti, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Marrocos, Mauritânia, Omã, Catar, Síria, Somália, Sudão e Tunísia (Gohn,2014).

<sup>5</sup> Manuel Castells sublinha a importância do ciberativismo para o sucesso dos protestos, num país com relativamente alto acesso à internet. Esse meio possibilitava críticas ao governo, antes mesmo da queda de Ben Ali, o que não impedia, contudo, a repressão (Castells, 2017 apud Alexandre,2020).



**Fonte:** Issoedinheiro,2020

Hanieh (2012,s.p.) explica que no Oriente Médio os anos antecedentes a essa crise foram marcados pela intensificação e generalização das políticas neoliberais, estabelecendo novas relações de poder em escala nacional mas também regional, ou seja, o neoliberalismo enriqueceu as classes capitalistas nacionais e oportunizou a consolidação dos países ricos do Golfo Persico como bloco econômico da região (Vieira,2020, p.56).

No Egito, a Revolução de Lotus foi marcada por dezoito dias de intensa desobediência civil, onde os manifestantes corajosamente enfrentaram a repressão das forças estatais. Como resultado, o ditador Hosni Mubarak foi forçado a assinar sua renúncia, encerrando um capítulo significativo na história do país. A Primavera Árabe é amplamente conhecida como um fenômeno que surgiu devido à rebelião social contra a opressão causada pelos regimes ditatoriais em seus países. No entanto, é importante notar que a maneira como foi amplamente classificada pela grande mídia como uma "luta pela democracia" pode simplificar a complexidade das razões que impulsionaram esse movimento (Amaral; Fiedler; Medina, 2018).

Segundo Leila Bijos e Patrícia Almeida da Silva (2013), o maior problema enfrentado pela população dava-se pela falta de políticas públicas urbanas: o sistema de transporte público era precário e seu preço aumentava gradualmente, alguns bairros da capital sofriam problemas nas redes de saneamento básico, havia problemas nos hospitais públicos das periferias, déficit de moradias, o preço da cesta básica elevado com a diminuição no poder de compra do trabalhador, corrupção no governo, entre outros tantos motivos (Amaral; Fiedler; Medina, 2018, p.319).

A forma que assumiram os protestos durante a Primavera Árabe também simbolizava a demanda por uma democracia direta e participativa, na qual os cidadãos pudessem expressar diretamente seus desejos e aspirações. Esses acontecimentos podem ser interpretados como uma rejeição ao simples modelo de democracia liberal e representativa do Ocidente (Alexandre,2020). Em um efeito dominó, os protestos da Primavera Árabe se espalharam por

vários países árabes, servindo de inspiração para protestos em outras partes do mundo (Vieira,2020).

### 3.3 Os Occupys e os indignados ao redor do mundo

Em 2011, inaugura-se um novo ciclo da crise econômica, e junto a ele os ânimos insurgentes da sociedade se afluam organizando gigantescas manifestações em diversas cidades ao redor do mundo, os chamados “Occupys”. O primeiro levante ocorreu na Praça Zuccotti, localizada no distrito financeiro de Manhattan, nos Estados Unidos, próximo à Wall Street, o coração do capitalismo. A ocupação durou aproximadamente dois meses e foi um catalisador para a disseminação do movimento. Os manifestantes do Occupy autodenominavam-se como os “99%”, fazendo referência à grande maioria da população que considerava ser prejudicada pelas políticas econômicas que beneficiavam apenas uma pequena elite representada pelo “1%” mais rico. Eles expressavam críticas à crescente desigualdade de renda, à influência do setor financeiro sobre o sistema político e à falta de representatividade democrática (Vieira,2020). “Grande parte da relevância dos ocupas reside no fato de pôr em pauta a prioritária discussão sobre as condições que possibilitam o status quo da ordem liberal” (Amaral; Fiedler; Medina, 2018, p.316).

**Imagem7:Occupay Wall ST**



Fonte:Copyright © 2012 John Makely / NBC News

De modo geral, considerados pluriclassistas, os protestos formaram-se por jovens desempregados (muitas vezes com ensino superior), por estudantes universitários, por trabalhadores sindicalizados, por uma classe média empobrecida e setores pobres urbanos, ou seja, participaram todos os afetados pelas irracionais medidas estatais para soldar as rachaduras do sistema financeiro e do mercado liberal (Vieira,2020, p.59).

Vale ressaltar que, durante os protestos, surgiram diversas críticas em relação à falta de clareza dos manifestantes em relação às suas demandas. No entanto, Safatler e Gohn argumentam que tais críticas são inconsistentes, uma vez que os movimentos apresentavam pautas claras e consistentes, como questões relacionadas a emprego, dívidas e políticas públicas (Amaral; Fiedler; Medina, 2018; Vieira, 2020). O movimento que começou em Wall Street, logo se espalhou por diversos países da Europa<sup>67</sup>, Ásia<sup>8</sup>, África<sup>9</sup> e América Latina<sup>10</sup>, incluindo o Brasil. É importante destacar que as redes sociais desempenharam um papel essencial na disseminação e organização do movimento Occupy (Vieira, 2020). Plataformas como Facebook, Twitter e YouTube desempenharam um papel crucial ao permitir que o movimento alcançasse uma audiência global, transcendendo as barreiras físicas das ocupações (Costa-Moura, 2014). Além disso, as hashtags<sup>11</sup> criadas pelo movimento também contribuíram para aumentar sua visibilidade nas redes sociais.

---

<sup>6</sup> O movimento dos Indignados da Espanha ficou conhecido como 15M, referência à data de seu início, 15 de maio, quando uma convocatória feita por redes sociais reuniu milhares de pessoas em sessenta cidades espanholas; muitos ficaram acampados em praças públicas (Gohn, 2014, p. 109)

<sup>7</sup> A praça Willy-Brandt Platz, localizada em Frankfurt, foi palco de um acampamento do movimento Occupy em frente ao Banco Central Europeu, que é marcado por um grande símbolo da moeda euro. Esse acampamento ganhou uma significância especial devido ao fato de Frankfurt ser o principal centro financeiro da Alemanha e de toda a Europa. Muitos ativistas consideraram esse local como o melhor lugar do mundo para realizar uma ocupação, devido à sua importância nos negócios bancários (Gohn, 2014, p. 113-114).

<sup>8</sup> O protesto na Praça Taskin -Istambul, uniu pessoas de diferentes camadas sociais que enfrentaram a polícia nas marchas de protestos nas ruas e ocupação do parque (Gohn, 2014, p. 114-115).

<sup>9</sup> Embora com menor visibilidade, alguns países africanos também tiveram manifestações relacionadas ao movimento Occupy, como a Cidade do Cabo (África do Sul) e Nairóbi (Quênia).

<sup>10</sup> Houve registros de Occupys em países como o Chile, Argentina, México e Brasil (Gohn, 2014).

<sup>11</sup> As hashtag #OccupyWallStreet, #OccupyTogether e #WeAreThe99Percent foram amplamente utilizadas nas postagens em redes sociais, permitindo que as pessoas acompanhassem e se engajassem nas discussões relacionadas aos movimentos (Costa-Moura, 2014, p. 147).

#### 4. FRUSTRAÇÃO RELATIVA E O ESGOTAMENTO DO MODELO LULISTA

Durante os governos petistas, liderados por Lula e Dilma, é estabelecido um período marcado por notáveis conquistas e avanços sociais. Com a introdução de programas sociais e econômicos visando desde o combate à fome, ampliação do acesso à educação ao incentivo do crescimento econômico, culminando na formação de uma “nova classe média”<sup>12</sup>. Além da adoção de uma política de cooperação regional, fortalecendo as relações com os países da América Latina<sup>13</sup>. No entanto, é perceptível como o discurso político do PT apresentava ambiguidades e contradições, uma vez que o partido também adotava uma postura favorável à agenda política neoliberal, estabelecendo compromissos com o capital financeiro (Fernandes,2019, p.139).

Para assegurar a governabilidade e manter de “boca calada” os setores econômicos dominantes, esses governos apostaram no pacto social ou “consensão” (consenso ampliado) “neoliberalismo neopopulista” (Viana, 2015 apud Vieira,2020, p.80).

Conforme a análise de André Singer (2013), o modelo adotado pelo PT pode ser caracterizado enquanto um "reformismo fraco". Isso significa que este se baseia em reformas pontuais<sup>14</sup> da estrutura social, sem promover uma ruptura radical com a ordem institucional estabelecida. Uma tentativa de governar dentro da lógica capitalista ainda que com uma certa sensibilidade às questões sociais (Safatler,2022, p.102). Entretanto, essa posição difere do programa original do partido, quando foi fundado em 1980, momento em que ainda sustentava ideais marxistas e revolucionários, embora não fossem enfatizados em sua atuação. Nessa época, o PT se apresentava como um partido voltado à classe trabalhadora e com uma forte retórica socialista. De acordo com Ricardo Antunes (2014), a partir de 2003, quando assumiu a presidência, o PT passou por um processo gradual de transformismo político, se estabelecendo como um “partido da ordem” (Fernandes,2019, p.144).

Oscilando entre muita continuidade com o governo de Fernando Henrique Cardoso e pouca mudança, mas nenhuma com substância, o primeiro mandato de Lula terminou de modo desolador, o que o obrigou a fazer mudanças de rota, sempre com muita moderação e nenhuma confrontação. Bolsa Família e altíssimos lucros bancários e financeiros; aumento do salário mínimo quando comparado aos governos FHC, mas também enriquecimento crescente de inúmeros setores da grande burguesia; nenhuma reforma agrária e muito incentivo ao agronegócio,

<sup>12</sup> André Singer (2013), se refere as camadas sociais que ascenderam no período lulista como “novo proletariado”.

<sup>13</sup> Se faz referência ao termo “Maré Rosa”, correspondente ao período de um ciclo de vitórias eleitorais das forças de esquerda na América Latina e a resistência ao neoliberalismo (Fernandes, 2019, p.136).

<sup>14</sup> “Em quatorze anos de governo de esquerda no Brasil, não houve um passo sequer em relação à constituição de mecanismos de democracia direta, a não ser a proliferação de conselhos consultivos sem poder deliberativo” (Safatle,2022, p.103).

que só teve vantagens durante os dois governos Lula (Antunes; Braga,2014, p.43).

No final do segundo mandato do presidente Lula, em 2010, o Brasil<sup>15</sup> testemunhou um intenso processo de ascensão social das camadas populares e o fortalecimento do mercado interno, elevando o país à posição de sexta economia do mundo<sup>16</sup> (Safatle,2022, p.99). Durante o governo Lula, foram implementados sistemas abrangentes de proteção social, além de ter ocorrido o aumento real do salário mínimo e iniciativas para estimular o consumo, por meio da introdução do crédito consignado e a implementação do programa Bolsa Família. O Estado assume o papel de indutor do processo de mobilidade social. Por outro lado, o governo Lula trabalhava como impulsionador da reconstrução do empresariado nacional. Representando a concepção de um genuíno modelo de capitalismo de Estado brasileiro, em que o Estado desempenhava um papel ativo na promoção e suporte ao empresariado nacional (Safatle,2022, p.101-102).

Lula conseguiu ser um presidente que incorporava políticas econômicas favoráveis às elites brasileiras de diversos setores (numa combinação quase paradoxal entre neoliberalismo e neodesenvolvimentismo) sem perder seu espaço de maior líder da esquerda brasileira (Fernandes, 2019, p.139).

Apesar do crescimento da renda familiar, o Brasil mantinha com altos níveis de desigualdades, afinal, havia a ausência de reformas estruturais. O projeto do PT, para o combate às desigualdades na realidade consistia na adoção de uma política de “capitalização dos pobres” o introduzindo-os no universo do consumo<sup>17</sup>(Safatle,2022, p.105). A nova classe média/ novo proletariado era composto por trabalhadores, ainda pobres, que conseguiram obter uma pequena melhoria econômica. No entanto, grande parte desses ganhos acabavam sendo redirecionados para o setor privado no contrato de serviços essenciais como: saúde, educação e transporte. Devido a má qualidade dos oferecidos pelo governo. Ocasionalmente gerando o endividamento dessas famílias.

Por outro lado, o dinheiro gasto em educação e saúde não volta para a economia, mas apenas alimenta a concentração de renda na mão de

<sup>15</sup> “[...]diferentemente de outros países latino-americanos que passaram por governos de esquerda, no Brasil não ocorreu uma reforma constitucional, nem a mudança das regras eleitorais muito menos impôs restrições à circulação de capitais. Tal reformismo parecia a expressão mais bem acabada da crença na capacidade da esquerda brasileira em civilizar o capitalismo nacional” (Safatle,2022, p.98).

<sup>16</sup> Durante os anos de governo de Lula, o Brasil experimentou um período de crescimento econômico impulsionado pelo aumento dos preços das commodities e pela demanda internacional por produtos brasileiros. Isso possibilitou a implementação de políticas que buscaram conciliar o desenvolvimento econômico com a redução das desigualdades sociais, resultando em avanços significativos (Antunes; Braga,2014, p.43).

<sup>17</sup> Safatle (2023, p.104) discute o conceito de 'pobreza relativa' conforme empregado por Marx, argumentando que o processo de crescimento econômico pode gerar um novo sistema de desejos, levando os sujeitos a se sentirem cada vez mais distantes do padrão social de realização material.

empresários de um setor que paga mal seus funcionários e tem baixo índice de investimento. Empresários que preferem aplicar no mercado financeiro do país, com suas taxas de juros entre as mais altas do mundo (Safatle,2022,p.107-108).

A constituição de um núcleo de serviços públicos de qualidade extrapolava o limite do modelo lulista, uma vez que isso implicaria em uma reforma fiscal capaz de fortalecer o Estado por meio de capitalização. No entanto, a reforma acirraria os conflitos de classe, uma vez que envolveria medidas que afetariam as elites econômicas e poderiam comprometer as alianças políticas que sustentavam o governo. É possível afirmar que a proposta de um enfrentamento real às desigualdades econômicas contradizia a viabilidade de governabilidade desse modelo, esse estava pautado na gestão de uma paralisia social, e que logo chegaria a seu esgotamento (Safatle,2022,p. 104-109).

Houve um descompasso entre a perspectiva otimista de crescimento e desenvolvimento do país, disseminada pelo governo, e a realidade econômica experimentada pelos brasileiros. Vladimir Safatle (2022) emprega o conceito de 'frustração relativa' para explicar a natureza dos descontentamentos refletidos nas ruas em 2013. Ele argumenta que “as populações não se frustram diante de um cálculo entre aquilo o que elas têm e o que já tiveram, mas sim entre o que elas têm e esperavam ter”. Nesse momento, houve um entendimento sobre os limites e o esgotamento do projeto de ascensão social do governo, contrariando as expectativas criadas principalmente pelas camadas beneficiadas na primeira fase do lulismo. Safatle argumenta que os setores que lideraram as greves em 2013 não pertenciam à classe média tradicional. Estes últimos não são familiarizados com o processo grevista em si. Em vez disso, expressava o descontentamento dos “setores espoliados que não reconheciam mais suas representações e buscavam deixar claro sua insatisfação e precariedade” (Safatle,2023, p.102).

No contexto dos conflitos político-econômico-sociais no Brasil, o período compreendido entre 2011 e 2013 se revela de maneira singular. Os acontecimentos do período, refletiram a dinâmica da luta de classes no país, culminando em um aumento significativo no número de greves e mobilizações em prol dos direitos democráticos e sociais no Brasil, inserindo-se, ainda, como um dos catalizadores do movimento ocorrido em junho de 2013.

Primeiro, depois de um número baixos de greves no período 2003-2008, um processo crescente se iniciou entre 2010 (445 greves no ano) e 2012 (877 no ano). Ele explodiu em 2013, que conhecia o maior número de greves desde o fim da ditadura (quando se iniciou a série histórica), ou seja, 2.050 greves, com 1.106 apenas no setor privado (Safatle,2023, p.116).

Outro aspecto fundamental analisado quanto ao modelo lulista foi sua capacidade de cooptação de lideranças de movimentos sociais e sindicais para integrarem as estruturas do governo. Isso permitiu canalizar as forças de conflito para dentro das instituições do Estado, com o objetivo de desmobilizar as bases e manter uma aparência de "estabilidade democrática". O lulismo abandonou a política em favor da gestão do Estado, como argumenta Safatle (2022). Movimentos como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) atuaram como uma espécie de escudo de apoio ao governo, contendo seu potencial de mobilização e insatisfação diante de retrocessos. Essa contenção ocorria devido ao receio de que um eventual governo de direita emergisse e revogasse os direitos conquistados até então, conforme observado por Fernandes (2019)<sup>18</sup>. Essa estratégia gerou debates e questionamentos a respeito da autonomia de certos movimentos sociais em relação aos governos petistas.

Na realidade, já estava estabelecida uma política de desmobilização de base, elaborada inicialmente para barrar mobilizações contrárias às políticas do governo, como a famigerada Reforma da Previdência de 2003, e cuja continuidade se deu como uma ameaça constante: críticas da esquerda poderiam enfraquecer o governo e abrir espaço para a direita (Fernandes,2019, p.141).

Os protestos de junho reuniram não apenas as pessoas que notaram essas grandes contradições e queriam mudanças, mas também as camadas que foram influenciadas pela elite empresarial que não mais se beneficiou do modo lulista de administração do Estado, o que resultou em exibições subsequentes de antipetismo (Fernandes,2019, p.149)

O modelo de conciliação adotado durante o governo de Lula enfrentou seu esgotamento antes mesmo do segundo mandato de Dilma Rousseff (Safatle,2019). Durante esse período, as condições que contribuíram para o relativo sucesso do modelo lulista se tornaram insustentáveis (Fernandes,2019). Ainda primeiro mandato de Dilma Rousseff, o Brasil enfrentou desafios significativos, incluindo a desaceleração da economia e a deterioração das contas públicas. As políticas de estímulo ao consumo e de expansão dos gastos públicos, que foram adotadas anteriormente, começaram a mostrar suas limitações<sup>19</sup>. Além disso, a organização da Copa do

<sup>18</sup> É importante destacar que o PT apresentou dificuldades em lidar com críticas ao seu modelo de governo, muitas vezes atribuindo-as a um certo ódio de classe ou ao antipetismo. Esse comportamento contribuiu para que o partido adotasse posições contraditórias em relação às manifestações ocorridas em 2013 (Fernandes, 2019).

<sup>19</sup> “Como se não bastasse, o PT hipotecou um enorme capital político em erros grosseiros, como a usina de Belo Monte e os megaeventos esportivos, que, além de se prestarem a grandes desvios de dinheiro público, deixaram uma herança, pior que pífia, nefasta. [...] ameaçavam não só a possibilidade de transformações futuras como a própria continuidade daquelas já realizadas” (Nunes,2022, p.176-177).

Mundo demandou investimentos volumosos, aumentando ainda mais as pressões sobre a economia (Fernandes,2019).



## 5. O JUNHO BRASILEIRO

Em junho de 2013, o Brasil foi cenário de momentos excepcionais de insurgência e mobilização popular que marcaram o início de um novo ciclo de protestos políticos no país. As Manifestações de Junho<sup>20</sup> abalaram a inércia política estabelecida, desafiando os paradigmas da democracia representativa liberal e revelando o agravamento de múltiplas crises que ultrapassavam os limites dos sistemas políticos. A efervescência social experimentada naquele momento, fez possível a abertura de uma nova conjuntura na política brasileira, conforme discutido por pesquisadores como Gohn (2017) e Fernandes (2016). Entre junho e agosto do mesmo ano, cerca de 12 capitais e 483 municípios brasileiros se envolveram enquanto palco de uma das maiores ondas de protestos e manifestações populares da história recente do país, desde sua redemocratização (Gohn,2014; Nunes,2022). Durante essa mesma sequência de acontecimentos foram registrados a presença de aproximadamente dois milhões de manifestantes, fazendo com que o movimento rapidamente se transformasse em uma revolta popular de massa (Gohn,2014, p.8).

Em cada cidade onde os protestos foram registrados, o movimento se revela através de um conjunto de experiências e dinâmicas distintas e autônomas, levando em consideração a centralidade do espaço geográfico e suas interações, enquanto elementos catalisadores e motivadores de conflitos sociais (Rodrigues, 2016, p.1). A maneira como cada região experienciava e se envolvia no processo histórico iniciado por "Junho" é determinada não apenas pelo espaço geográfico, mas também pela dinâmica social e cultura política forjada pelas sociedades que os protagonizaram. Esses elementos exercem uma influência fundamental quanto à dinâmica dos acontecimentos, conduzindo a experiências singulares e à formação de uma identidade local. Em síntese, as revoltas populares de 2013 eclodiram em várias cidades do Brasil, exibindo características distintas em seus respectivos momentos, com trajetórias autônomas e antecedentes particulares, estendendo sua relevância para além desse período.

[...] aprendemos as Jornadas de Junho como um resultado de diversos processos que possuem escalas próprias e historicidades particulares. Em outras palavras, as Jornadas de Junho não se explicam por si próprias, tão pouco pode ser compreendida como um fenômeno que se inicia e termina em junho (Rodrigues,2016, p.6)

---

<sup>20</sup> Durante a pesquisa, faremos referência aos eventos de junho de 2013 como "eventos de junho", "manifestações de junho" ou "junho brasileiro". Optamos por evitar o termo "Jornadas de Junho", frequentemente utilizado para se referir aos acontecimentos, devido à sua associação a outro processo histórico e uma epistemologia que não correspondem ao objeto estudado (Singer, 2013).

## 5.1 Breve histórico sobre o MPL e a crise do transporte público

Num primeiro momento, os eventos históricos das manifestações de junho de 2013 evocam para reivindicações de natureza econômica, enfatizando a centralidade da luta em prol do transporte público e a resistência contra o aumento das tarifas. Tradicionalmente, os ajustes nas tarifários do transporte público são realizados anualmente em janeiro<sup>21</sup>. No entanto, de forma excepcional, em 2013, o governo federal coordenou um adiamento desses ajustes<sup>22</sup>, que foram postergados de janeiro para junho (Antunes, Braga, 2014; Serrano, 2023).

**Imagem 7:** Manifestação Movimento Passe Livre



**Fonte:** Nacho Lemus, 2013

Na cidade de São Paulo, no dia 2 de junho, foi oficializado um aumento nas tarifas dos transportes públicos, incluindo ônibus, metrô e trens, elevando o valor de R\$3,00 para R\$3,20. Em resposta a esse reajuste, o Movimento Passe Livre-SP convoca o primeiro ato de protesto em São Paulo, que aconteceu no dia 6 de junho, reunindo aproximadamente 2.000 pessoas<sup>23</sup>. Marcando início da série de protestos que aconteceriam ao longo do mês de junho (Gohn, 2014).

Como um fantasma que ronda as cidades deixando marcas vivas no espaço e na memória, as revoltas populares em torno do transporte coletivo assaltam a história das metrópoles brasileiras desde sua formação (MPL-SP, 2013, p.13).

A trajetória do Movimento Passe Livre é marcada pelo acúmulo de experiências voltadas a luta pelo transporte público, tendo como objetivo principal a democratização do

<sup>21</sup> Importante ressaltar que os valores dos ajustes tarifários e suas respectivas datas variam nas diferentes estados e cidades do país.

<sup>22</sup> Os aumentos tarifários costumavam ser implementados em janeiro, seja como parte da programação governamental ou como estratégia política para introduzir essa medida impopular em um momento de menor atividade ou mobilização (Gohn, 2014; Safatle, 2022; Serrano, 2023).

<sup>23</sup> O primeiro episódio da série de manifestações, em São Paulo, foi noticiado pela imprensa como sendo liderado por estudantes ligados ao Movimento Passe Livre (MPL) e jovens ligados aos radicais de partidos de oposição, como PSTU, PSOL e PCO (Gohn, 2014).

acesso ao espaço urbano por meio da implementação da tarifa zero. Compreendendo a questão do transporte como um tema que interliga várias agendas urbanas, desempenhando um papel crucial no debate sobre o direito à cidade (MPL-SP, 2013; Vieira, 2020).

O Movimento Passe Livre teve sua fundação oficial em 2005, em Porto Alegre, durante o Fórum Social Mundial. Entretanto, suas raízes remontam às manifestações de protesto que aconteceram em Salvador em 2003, conhecidas como Revolta do Buzu, e em Florianópolis em 2004, na Revolta da Catraca. Conforme descrito em seu site, o MPL se define como um movimento horizontal, independente, independente e apartidário, mas não antipartidário<sup>24</sup> (Gohn,2017). A retomada do espaço urbano não apenas figura como um objetivo do movimento, mas também se manifesta como um método na prática dos manifestantes. Se organizando em torno da ação direta, ocupando ruas, construindo barricadas, bloqueando cruzamentos, escrachos, além de realizar “catracaços” contra as passagens, entre outros métodos. Destaca-se, a centralidade nos aumentos tarifários a ressonância principal dessas lutas (MPL-SP,2013, p.13).

Em sua prática interna, o MPL buscava construir relações que prefigurassem a sociedade que pretendia alcançar, ligava-se à tradição de lutas autônomas que tiveram grande destaque internacional no fim do século passado e no início deste. Construía-se, assim um movimento que, por um lado, demandava uma política pública e, por outro, procurava distanciar-se da institucionalidade (Monteiro, et al,2023, p.29).

Em 2013, a resistência ao aumento das tarifas de transporte público emergiu como ponto de partida para as manifestações de junho<sup>25</sup>, estabelecendo-se como a demanda primordial nos primeiros momentos. Nesse sentido, o Movimento Passe Livre se destacaria como principal mobilizador, convocando os atos de protesto frente as insurgências.

<sup>24</sup> Apesar de se autodenominar como um movimento apartidário, o Movimento Passe Livre (MPL) não adotou uma postura antipolítica ou antipartidária. Considerando que muitos de seus militantes eram afiliados a partidos de oposição de orientação política à esquerda, destacando-se por suas críticas à esquerda institucional. Em resumo, o MPL faz parte dos chamados “novíssimos movimentos sociais”, conforme classificado por Gohn (2017). Esses movimentos têm como características principais o autonomismo e a horizontalidade, desafiando estruturas tradicionais como sindicatos e partidos políticos consolidados, que são vistos como espaços burocratizados distantes da realidade vivida pelos manifestantes. Tema que será abordado posteriormente nesse trabalho.

<sup>25</sup>Vale ressaltar que ao longo do mês de junho, além das manifestações convocadas pelo MPL, ocorreram outros protestos usuais neste período, como a Marcha da Maconha em São Paulo, a Parada do Orgulho LGBTQia+, e manifestações como professores do ensino básico público, profissionais de saúde, policiais e sem-teto. Realizando protestos em São Paulo com demandas independentes da onda geral de manifestações de junho, o que também aconteceria nas outras cidades (Gohn,2014, p.24).

## 5.2 Junho nas ruas

Em 8 de junho, o MPL liderou o segundo ato de protesto contra as tarifas, que reuniu aproximadamente 5 mil pessoas e foi direcionado para áreas nobres de São Paulo. Essa iniciativa impactou o expediente de diversas empresas, que precisaram encerrar suas atividades mais cedo (Gohn,2014). A estratégia política adotada pelo movimento envolveu o percurso por vias como a Avenida Rebouças e a Faria Lima, locais simbólicos de luxo e centros de capital financeiro. Durante esse segundo protesto, também ocorreram confrontos entre os manifestantes e as forças policiais (Gohn,2014).

**Imagem 8:** Movimento contra o aumento da tarifa nos transportes



Fonte: EL PAÍS ,2013

O terceiro ato em São Paulo foi marcado para o dia 11 de junho, às 17 horas, na Avenida Paulista, sucedendo dois eventos anteriores no mesmo local. Estes incluíram os protestos dos trabalhadores da área da saúde e dos policiais do Estado, que manifestaram sua insatisfação com o descumprimento de acordos estabelecidos com o governo estadual para melhorias na carreira (Gohn,2014). Este terceiro ato destacou-se pela intensificação da repressão e violência policial, com o uso de balas de borracha, bombas de efeito moral e spray de pimenta pela polícia. Aproximadamente 100 pessoas ficaram feridas, entre manifestantes, jornalistas e policiais. A Polícia Militar estimou a participação de cerca de 5 mil<sup>26</sup> pessoas no evento, que cerrou com 20 detenções e aproximadamente 100 feridos (Gohn,2014).

O caldo começou a entornar no dia 11, uma terça-feira. A PM paulista foi às ruas com uma postura mais agressiva, disposta a quebrar o ímpeto do movimento em ocupar seguidamente os espaços públicos. A violência policial foi desmedida. Grupos de choque formados por manifestantes, denominados black blocs, responderam com ações de autodefesa e depredação do patrimônio público. Os embates

<sup>26</sup> Segundo o MPL esse ato teria contado com a participação de aproximadamente 12 mil pessoas (Altman, et al2023)

provocaram feridos e repercutiram nos principais veículos de comunicação (Alman, et al, 2023, p.87)

**Imagem 9:** Aparato policial para conter manifestantes



**Fonte:**Daniel Arroyo/Ponte Jornalismo,2013

No quarto protesto ocorrido em São Paulo, 13 de junho, a violência policial contra os manifestantes atingiu níveis ainda mais extremos, marcando uma virada na percepção da sociedade. A violência policial para com os manifestantes, já evidenciada no protesto anterior, atingiu um ponto crítico no ato do dia 13 de junho, provocando repulsa e revolta na população<sup>27</sup> (Gohn,2014). Em meio a confrontos com a polícia, várias pessoas ficaram gravemente feridas, incluindo o jornalista Sergio Silva, que perdeu a visão do olho esquerdo após ser atingido por uma bala de borracha. No quarto ato, aproximadamente 20 mil pessoas participaram, de acordo com estimativas do Movimento Passe Livre (Nunes,et al,2023). Uma pesquisa realizada pelo Datafolha no dia do protesto revelou que 55% dos paulistanos apoiaram os atos de protesto em junho, e 78% consideraram a resposta policial mais violenta do que a necessária (Gohn,2014).

Manifestantes, jornalistas e até quem incidentalmente estava pela região foram vítimas de abusos comprovados por centenas de imagens, que rapidamente estimularam comoção e solidariedade, em mensagens indignadas que inundaram as redes sociais de todo o país (Alman, et al, 2023, p.87).

O protesto do dia 13 de junho, no entanto, representou o momento da guinada. Após uma intensa campanha midiática que pedia a repressão aos vândalos, a PM do Estado de São Paulo decidiu reprimir duramente os militantes do MPL por meio da utilização de bombas de gás lacrimogêneo, de bombas de efeito moral e de tiros de bala de borracha de maneira indiscriminada. Sem mencionar os inúmeros presos e detidos, durante a violenta ação da PM inúmeros manifestantes ficaram

<sup>27</sup> Após a repercussão da violência policial durante o quarto ato, entidades nacionais e internacionais manifestaram-se denunciando a repressão e as prisões arbitrárias de jornalistas e manifestantes. As redes sociais se tornaram um meio cada vez mais proeminente para a divulgação de relatos e denúncias sobre a violência ocorrida. Nesse contexto o MPL é convidado a publicar um artigo na *Folha de S.Paulo* (Carlotto, et al2023).

feridos, entre eles 22 jornalistas que faziam cobertura do confronto (Antunes; Braga,2014, p.45).

**Imagem 10:** Professores em greve também se juntaram às manifestações



**Fonte:** WordPress.com,2013

Nos atos de 17 de junho, as demandas tornaram-se mais dispersas, resultando em uma cacofonia de reivindicações (Fernandes, 2019). As pautas extrapolaram as questões iniciais, expandindo-se para incluir lutas por direitos sociais e serviços públicos “padrão FIFA”. Fazendo referência aos vultosos investimentos na Copa do Mundo que estavam programados para ocorrer em 2014 (Altmar; Nunes, et al, 2023). Essa segunda fase das manifestações<sup>28</sup>, marcou o momento em que os protestos ultrapassaram a esfera da militância inicialmente mobilizada pelo MPL, incorporando contingentes mais numerosos e adquirindo uma dimensão nacional entre os dias 17 e 20 de junho. Que chegaram a reunir mais de 2 milhões de participantes distribuídos em aproximadamente quatrocentos municípios. Além disso, evidencia-se uma disputa interna no cenário político, com forças de orientação conservadora buscando influências no curso dos acontecimentos (Altmar; Nunes, et al, 2023). O percurso dos protestos em Brasília ficou marcado pela ocupação do teto do Congresso Nacional, por manifestantes, após atos contra a abertura da Copa das Confederações, acontecimento que repercutiu fortemente em todo país. No Rio de Janeiro, a trajetória das manifestações foi marcada por cenas de violência durante a ocupação da Assembleia Legislativa (Gohn,2014).

**Imagem 11:**Manifestantes ocupam teto do Congresso Nacional

<sup>28</sup>Até a primeira fase das manifestações, entre os dias 6 até 13 de junho, os protestos estavam predominantemente concentrados em São Paulo, centrando-se na oposição ao aumento de vinte centavos, sob a liderança do Movimento Passe Livre. Contudo, em 17 de junho, milhares de brasileiros tomaram as ruas, mobilizando aproximadamente 215 mil pessoas em 12 capitais do país (Altman, et al 2023, p.86).



**Fonte:** Nelson Oliveira/Agência Senado,2013.

Com o vulto que tomaram os protestos políticos, administradores mudaram o tom e o conteúdo de suas falas em relação às manifestações, agora vistas como algo legítimo, próprio da democracia. Criticaram-se as rotulações apressadas, a simples condenação como ação de baderneiros. Com isso, a polícia abrandou sua ação de repressão e aumentou a de vigilância (Gohn,2014, p.41).

O movimento conquista a vitória de suas demandas iniciais, contra o aumento das passagens, em 19 de junho, quando as autoridades anunciaram a redução das tarifas em diversas cidades brasileiras, influenciando, por último, a diminuição em São Paulo que ocorreu ainda no mesmo dia<sup>29</sup> (Gohn,2014). O auge das manifestações de junho de 2013 ocorreu quando mais de um milhão de pessoas saíram às ruas em todo o país durante os protestos do dia 20 de junho, que foi marcado também como celebração das vitórias iniciais. Esses eventos se espalharam por 388 cidades brasileiras, abrangendo pelo menos 22 capitais, além de contar com o apoio de brasileiros em outros países. Tornou-se evidente uma disputa nas ruas, com diversos atores políticos envolvidos que tentavam imprimir suas próprias agendas dentro do movimento (Gohn,201; Vieira,2020). As manifestações viram a inclusão de novos atores, com destaque para o ativismo digital. Um ponto relevante a ser discutido é o caráter antipolítico que assumido durante as manifestações do dia 20, registrando agressões e repressões contra militantes partidários de esquerda que se manifestavam e carregavam bandeiras de seus partidos (Gohn,2014).

### **Imagem 12:** Manifestações de Junho de 2013

<sup>29</sup> No dia 18 de junho, também houveram manifestações em São Paulo, reunindo 50 mil pessoas na Praça da Sé. E a presença dos Black Blocs foram registrados em pontos pela cidade pela mídia que cobria os eventos. Houve também uma manifestação em frente ao prédio do Prefeito Haddad. (Gohn,2014, p.29-30).



Fonte: AGÊNCIA BRASIL,2013.

Na manifestação de 20 de junho, a direita mostrou uma face dupla: grupos neonazistas serviam para expulsar uma esquerda desprevenida, enquanto inocentes “cidadãos de bem” de verde-amarelo aplaudiam. O número de participantes no país foi o maior até então. Mas começou a cair logo em seguida. A mudança ideológica dos protestos coincidiu com uma queda abrupta do número de manifestantes. O movimento que começara apartidário se tornava então *antipartidário*. (Secco,2013, p.71)

Em 21 de junho, o MPL declarou que não convocaria mais manifestações. No entanto, ao longo do mês, grupos alheios às causas iniciais continuaram promovendo protestos. O mês de junho encerrou-se com várias manifestações contra a Copa das Confederações, principalmente nas cidades onde ocorreram os jogos, e o término do torneio foi marcado por confrontos com a polícia no Maracanã (Gohn,2014).

A partir de agosto de 2013, houve uma desaceleração dos protestos de rua, seguida de um acirramento de demandas e lutas específicas, como a dos professores da rede pública no Rio de Janeiro (Gohn,2014, p.35).

Esse ciclo inclui manifestações em áreas urbanas grandes, médias e pequenas em todas as 27 unidades federativas, as quais se estimam ter envolvido quase 2 milhões de pessoas, e que ocorreram tanto no centro das cidades como, em escala menor, nas periferias e favelas. Inclui ainda, a onda de ocupações de câmaras municipais entre julho e agosto de 2013; os protestos que continuaram acontecendo em alguns lugares até outubro daquele ano [...] (Nunes, 2022, p.178).

### 5.3 Os sentidos de junho: A dimensão política das reivindicações

A pesquisadora Maria da Glória Gohn (2014) identifica três momentos distintos ao analisar a cronologia das manifestações de junho de 2013. O primeiro período caracteriza-se pela liderança do Movimento Passe Livre na reivindicação contra o aumento das tarifas de

transporte, erroneamente interpretada pela mídia como uma manifestação estudantil, ao mesmo tempo em que a cobertura midiática negligenciava o tratamento adequado às manifestações, frequentemente rotulando os manifestantes como vândalos. O segundo momento é marcado pela escalada da violência, decorrente da resposta policial, que resultou em centenas de feridos e detenções, influenciando significativamente a opinião pública e instigando novas mobilizações. O terceiro momento, por sua vez, representa a conquista da demanda primordial, com a revogação do aumento das tarifas e a reorientação das reivindicações em direção à oposição à opção da Copa do Mundo (Gohn, 2014 apud Vieira,2020).

Nesse contexto, os pesquisadores Jair Pinheiro e André Singer também identificaram particularidades importantes. Pinheiro destaca que, no primeiro estágio, além da revogação do aumento, o MPL também defendeu a implementação da Tarifa Zero, conferindo um caráter anticapitalista às manifestações ao retirar dos empresários do setor de transporte o poder de controle da mobilidade urbana (Gohn, 2014 apud Vieira,2020). Ele também ressalta, no terceiro estágio, uma mudança política e ideológica, marcada pelo repúdio aos partidos de esquerda. Singer, por sua vez, destaca, respectivamente entre o segundo e o terceiro estágio, a presença de outras frações sociais e a fragmentação das manifestações contribuindo para a complexidade e essa diversidade de eventos (Vieira,2020).

As vozes que ecoavam nas ruas em junho não negavam o Estado, mas reivindicavam um Estado menos dependente dos bancos, das multinacionais, empresário, etc. um Estado com pauta social efetiva e não apenas focado nas metas e índices de crescimento e oferta de bens (Gohn,2014, p.66).

As primeiras reivindicações que desencadearam o “Junho Brasileiro”, revelam-se de uma origem econômica bastante tangível: o aumento das tarifas do transporte público. Este elemento desempenhou um papel crucial na capacidade de mobilização e abrangência das manifestações, graças à sua marcante ressonância na percepção da sociedade brasileira (Serrano, 2023). As demandas se expandiram para mais duas dimensões: a primeira relacionada ao conjunto de reivindicações sob o prisma do conceito de "direito à cidade", que emergiu em oposição à configuração capitalista e neoliberal nas cidades brasileiras. A segunda esfera, abrange a resistência contra o sistema político e suas representações, evidenciando uma crise de representação<sup>30</sup> (Serrano,2023).

A reivindicação inicial sobre a temática do transporte público atingia diretamente a burguesia estatal, já que sob sua tutela está a responsabilidade de regulamentar o transporte coletivo, e atingia “de raspão” a classe capitalista que via seus interesses atingidos, à medida

---

<sup>30</sup> Que também corresponde a uma crise de práxis da esquerda brasileira (Fernandes,2019).

que o aumento do seu lucro viria com a elevação da tarifa (Vieira,2020 apud Viana,2013, p.89-90).

É crucial reiterar a influência da conjuntura nacional e internacional, que potencializou significativamente os eventos ocorridos. A sequência de lutas da Primavera Árabe e os movimentos Occupy tiveram repercussões que ocorreram por influência do cenário brasileiro<sup>31</sup>. A chegada da crise econômica, apesar das tentativas governamentais de mascará-la, já foi tangivelmente sentida pela população, criando um paradoxo entre a perspectiva otimista propagada pelo governo e a realidade econômica percebida (Safatle,2022). No âmbito das lutas político-econômico-sociais no Brasil, o período de 2011 a 2013 foi marcado por eventos importantes. Isso refletiu a dinâmica da luta de classes no país, culminando em um aumento expressivo de greves, mobilizações pelos direitos democráticos<sup>32</sup> e sociais que também se inseriram no contexto de junho de 2013.

No contexto específico de Junho, a reforma política foi sequestrada desde o início, pois era “capaz de encerrar momentos políticos antes que eles se desenvolvessem em reivindicações que exigem algo diferente de uma resposta técnica gerenciada” (Fernandes,2019, p.96).

Simultaneamente à retirada do Movimento Passe Livre como organizador das manifestações, após a redução da tarifa, outros atores políticos já disputavam a direção das massas. Conforme a análise da pesquisadora Sabrina Fernandes (2019), diante da natureza heterogênea das manifestações de 2013, com destaque para os acontecimentos do dia 20 de junho, observa-se que o principal êxito na disputa política da direita durante os processos de Junho, foi a transformação de uma crise de representação com nuances classistas em uma narrativa moralista e antiesquerda, centrada na luta contra a corrupção. Nesse sentido, a ala política à direita estava inclinada a disputar as multidões de Junho, inicialmente com a intenção de desmobilizá-las e, posteriormente, cooptá-las para seus próprios objetivos, encontrando forte apoio através da grande mídia (Fernandes,2019).

O foco moralista torna a questão individual, mascarando as relações capitalistas na corrupção brasileira, enquanto o sentimento antiesquerda funciona duplamente para a direita para mascarar suas próprias relações corruptas e para diminuir o consentimento popular em relação ao PT e à esquerda em geral (Fernandes,2019, p.95).

Nesse contexto, quem melhor consegue se apropriar e mobilizar essa energia não é a esquerda autônoma que puxou os atos contra o aumento das tarifas, tão pouco a esquerda governista. Em outras palavras, a

<sup>31</sup> O esgotamento do modelo lulista, casos de corrupção, fisiologismo, a chegada dos megaeventos (Safatle,2022)

<sup>32</sup> Destacando aqui os movimentos organizados contra a construção de Belo Monte, a luta pela união estável para pessoas LBGtqia+, avanço do movimento feminista e o movimento negro (Safatle,2022; Nunes, et al ,2023).

esquerda autônoma mostrou claramente seus limites quando não conseguiu assumir a hegemonia do processo a partir da massificação dos protestos e a esquerda governista construiu a narrativa de que tais movimentos autônomos eram a ponta de lança das elites brasileiras e globais contra um governo popular (interpretação que julgamos equivocada). Quem consegue se apropriar de forma efetiva e afetiva de tal energia é a mídia hegemônica, que passa a canalizar e condicionar o desenvolvimento das ações a partir de interesses de classe bem claros: retirar a radicalidade da pauta da tarifa, domesticar e ampliar as pautas, de forma que as reivindicações tornem-se impossíveis de serem atendidas, pois não há foco ou clareza, desviar o conteúdo crítico das pautas para questão que, apesar de sua importância, são tratadas de forma moralista, como a luta contra a corrupção, que, naquele momento, era materializada na demanda pela aprovação da PEC 37; com isso, estava aberto o caminho para enfraquecer as administrações do Partido dos Trabalhadores em todos os níveis (Rodrigues; Ramos, 2019, p.96).

#### **5.4 As vozes de Junho: O perfil dos manifestantes, o modus operandi e os novos sujeitos sociopolíticos**

Ao reconsiderar as análises expostas anteriormente, é possível observar, que as manifestações que ocorreram em junho de 2013 no Brasil se desdobraram em fases distintas, o que dificultou a formulação de um perfil socioeconômico uniforme para os participantes. A heterogeneidade manifestada nessas fases foi influenciada pela diversidade de movimentos sociais e reivindicações, conforme destacado por Vieira (2020). Cada estágio apresentou características próprias, abrangendo uma ampla variedade de questões e atraindo participantes de diferentes estratos sociais, resultando em uma complexidade na análise do perfil socioeconômico dos manifestantes.

De acordo com a pesquisa pelo IBOPE<sup>33</sup>, que a faixa etária preponderante situa-se entre 14 e 24 anos, abarcando 43% do total. Ao expandir a análise para o intervalo etário de 14 a 29 anos, esse percentual subiu para 63%. No que diz respeito à instrução formal, constatou-se que 43% possuíam formação em nível superior, enquanto 49% concluíam o ensino básico ou estavam com o ensino superior em estágios incompletos. No contexto ocupacional, 76% dos participantes estavam inseridos no mercado de trabalho, e 52% estavam engajados em atividades acadêmicas. Note-se, de forma significativa, que uma parcela substancial dos estudantes já desempenhava atividades profissionais concomitantes ou conciliava trabalho e estudo (Gohn, 2014).

O contraste com a alta escolaridade dos participantes é um forte indicador de que predominaram, naquelas jornadas, o que se

<sup>33</sup> Os dados em questão foram coletados pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) em 20/06/2013 e foram referenciados no trabalho da pesquisadora Maria da Glória Gohn (2014).

convenciona chamar de classes médias, mas metamorfoseadas durante a primeira década de governos petistas. Não se trata estritamente de suas fatias com maior renda, mas também de novos segmentos que tiveram ascensão educacional a partir de 2003: a ampliação de vagas nas universidades, o Programa Universidade para Todos e o Fundo de Financiamento Estudantil elevaram o número de inscritos no ensino superior, nesse período, de 1,1 para 2,5 milhões, aproximadamente, de acordo com dados do MEC (Altman, et al,2023, p.88).

Examinando a renda familiar dos participantes, observamos que 23% provenientes de indivíduos com renda superior a 10 níveis mínimos, enquanto 26% situavam-se na faixa de 5 a 10 níveis mínimos. A soma dos dois últimos estratos resulta em 49% com uma renda familiar superior a 5 níveis mínimos, evidenciando uma heterogeneidade socioeconômica entre os manifestantes (Gohn,2014). O levantamento social de 2013 destaca a expressiva mobilização de setores médios<sup>34</sup>. No âmbito desta categoria, se compreende não apenas membros da classe média tradicional, cuja renda exceda cinco ou dez anos mínimos, e que possuam formação acadêmica superior completa ou incompleta. Como também frações da classe trabalhadora que experimentaram avanços socioeconômicos durante o primeiro decênio do governo petista, ascendendo tanto em termos de renda quanto de escolaridade (Altman, et al, 2023).

Em primeiro lugar, é refutada a ideia de que as manifestações eram amplamente protagonizadas pela classe média. Por outro lado, coloca elementos que apontam para a reduzida presença do que Souza (2008b) denominou de hiperprecarizado. Se utilizarmos apenas os dados referentes à escolaridade, poderíamos imaginar uma população com uma renda mais elevada em função do grau de instrução, no entanto os dados sobre renda nos obrigam a relativizar e questionar essa afirmação. [...] os dados de renda nos mostram a presença de uma população que tem maior acesso à educação, porém está inserida de forma subalterna e precarizada no mundo do trabalho. [...] André Singer sugere a ideia do “cruzamento de classes”, onde classes diferentes dividiram as ruas em Junho de 2013. O cruzamento de classes, constituído por uma classe média e uma classe trabalhadora precarizada, porém com maior acesso a certos bens de consumo e com maior acesso à educação, é a característica dos protagonistas das Jornadas de Junho (Rodrigues; Ramos,2019, p.97).

É importante enfatizar a expressiva utilização das redes sociais conforme atestado pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. Segundo a pesquisa, 75% dos manifestantes usaram alguma plataforma de mídia social para convocar indivíduos a participarem dos protestos. As manifestações de junho de 2013 no Brasil foram marcadas pela influência das redes sociais, especialmente o Facebook e o Twitter, na organização e

<sup>34</sup> Expressando uma diversidade que abarca desde grupos aparentemente apolíticos até segmentos mais politizados, comunidades periféricas e o crescente proletariado de serviços entre outros (Antunes, 2013, citado por Vieira, 2020).

mobilização dos manifestantes. As plataformas online desempenharam um papel significativo ao permitir a rápida disseminação de informações, a criação de comunidades virtuais e a evolução de eventos. A facilidade de comunicação online permitiu que os organizadores mobilizassem rapidamente grandes grupos de pessoas para participar dos protestos (Gohn,2014; Vieira,2020).

Quanto ao perfil dos militantes do MPL, movimento que desempenhou um papel central na organização dos primeiros protestos de junho de 2013, muitos deles eram estudantes do ensino superior, e a faixa etária predominantemente situava-se entre 16 e 29 anos. Essa composição reflete a participação ativa de jovens nas manifestações e nas pautas relacionadas ao transporte público e outras questões sociais. Gohn (2014), explica que apesar das manifestações de junho, em sua totalidade, terem sido majoritariamente compostas por indivíduos das camadas médias, o MPL não deve ser classificado como um movimento representativo dessas camadas. O movimento conduzia debates<sup>35</sup> e atividades em diversas instituições, abrangendo centenas de escolas, cursos populares, universidades, centros culturais, comunidades, entre outros. Tais atividades, conforme destacado por Monteiro (2023), originaram-se da experiência concreta do uso do transporte público, buscando como a estrutura da cidade era ajustada pelos cidadãos, mesmo que estivessem intrinsecamente influenciadas pelas dinâmicas do neoliberalismo.

Apesar de ter se difundido uma narrativa sugerindo a espontaneidade no surgimento das manifestações de 2013, percebe-se que, inicialmente, esses eventos foram articulados por movimentos sociais consolidados<sup>36</sup>. Apenas em estágios posteriores é que foram convocados por grupos circunstanciais (Vieira, 2022), os quais não possuíam uma organização preestabelecida, ajustando suas ações conforme os desdobramentos dos acontecimentos.

As manifestações de Junho fizeram eclodir novos modos de organização política. A pesquisadora Maria da Glória Gohn (2017), ressalta a importância da identidade cultural nos movimentos sociais que contribuíram para as megamanifestações de junho de 2013. Ao subdividir esses movimentos em três modelos - clássicos, novos e novíssimos - ela delinea a

---

<sup>35</sup> O MPL realizava trabalho se base enquanto movimento social (Vieira,2020; Monteiro,et al,2023).

<sup>36</sup> A presença de uma militância vinculada aos partidos políticos PSOL, PSTU, PCO e de alguns militantes do PT foi notória nas manifestações, ainda que tenha sido observada uma recusa abrangente de todas as bandeiras partidárias durante o decorrer dos eventos. Coletivos de juventude como o Juntos, Movimento Para Todos participaram ativamente, no entanto a União Nacional dos Estudantes, sob a liderança de grupos vinculados ao Partido Comunista do Brasil, não declarou envolvimento ativo como representação do movimento estudantil. Diversos grupos, incluindo coletivos anarquistas, Black Blocks, Anonymous, Kaos, entre outros, estariam presentes. É crucial registrar que houve uma convergência de indivíduos alinhados às correntes políticas socialistas e anarquistas durante essas manifestações (Gohn,2014, p.42).

cena, fornecendo uma compreensão mais abrangente das dinâmicas culturais contemporâneas que os moldam. Nesse sentido, a juventude envolvida nos protestos de junho de 2013 apresenta diferenças em relação a que se envolvia nos eventos de maio de 1968 ou durante a Ditadura Militar. Apresentando repertórios e abordagens próprias respectivos a sua cultura política (Vieira,2020).

Na segunda metade do século XX, os novos movimentos sociais adotaram a identidade cultural como seu ponto central de articulação. Direcionaram suas ações para abordar questões relacionadas a gênero, etnia, cultura, meio ambiente, LGBTQIA+, assim como se envolveram como movimentos populares, abordando demandas sociais urbanas (Gohn,2017). Seu propósito era distinguir as formas tradicionais de organização, tais como sindicatos, partidos e movimentos rurais, denominados "clássicos", os quais se estruturavam de maneira mais rígida, verticalizada e dirigista, com ênfase em líderes ou lideranças.

Até junho de 2013, no Brasil, os protestos de ruas mais frequentes eram de movimentos clássicos ou dos até então “novos” movimentos populares organizados pela luta a terra, moradia, etc. a partir de 2013 este cenário se altera com os novíssimos sujeitos em cena [...] (Gohn,2017, p.21).

Há inúmeras novidades criadas ou recuperadas pelo MPL que contribuíram para a cultura política criada, tais como: a performance das manifestações – sem carro de som, mas com música -, usando sons produzidos no ato como autor do processo, advindos de expressão cultural, como a fanfarra; não ter líderes declarados falando em nome do movimento. [...] as decisões eram constituídas via consenso, com votação só em última hipótese[...]. Essas inovações diferenciadoras levam o movimento à defesa da horizontalidade dos seus membros, sem um comando central[...]. (Gohn,2017, p.32).

Os novíssimos movimentos sociais englobam iniciativas contemporâneas, como o MPL, muitas delas surgidas ou consolidadas no cenário público durante a década de 2010. A construção da identidade desses movimentos é testada devido à sua diversidade em termos de referências, atravessando faixas etárias e pertencimentos. A natureza desses movimentos não apenas abandonou a hegemonia, mas também se transformou em uma força aglutinadora de identidades<sup>37</sup> <sup>38</sup>, apresentando novidades em seus repertórios de ação e apresentando performances distintas, tanto entre si quanto em comparação com os movimentos clássicos.

<sup>37</sup> Os novíssimos movimentos sociais se destacam pela horizontalidade, autonomismo e pela presença de redes de grupos ou coletivos auto-organizados. A internet desempenha um papel crucial como organização de suporte integrada ao possibilitar o compartilhamento de cooperação e valores (Gohn, 2017, p.20).

<sup>38</sup> Contudo, vários analistas têm ressaltado a carência de definições estratégicas, programáticas e teóricas dentro desses movimentos, alertando para a fragilidade organizacional inerente, a ausência de uma orientação clara e o perigo iminente de apropriação por parte de facções conservadoras de direita (Gohn, 2014, 39-43).

## 5.5 Ainda sobre Junho

A grosso modo, as chaves de interpretação sobre os eventos de junho de 2013 podem ser divididas em dois grupos distintos. O primeiro<sup>39</sup> percebe Junho enquanto uma “revolta das classes medias contra o petismo”. Indicando que os eventos teriam sido influenciados e liderados pela atuação de grupos de direita e organizações internacionais no Brasil<sup>40</sup>. Reduzindo a complexidade e agenda dos protestos considerando que: “eles expressaram, em essência, a força de interesses externos ao país” (Carlotto, et al, 2023, p.112-113). Nesse sentido, Junho aparece também como uma espécie de prenuncio da ascensão e radicalização da direita brasileira que se seguiria, se apresentando como marco e causa desses novos momentos políticos.

Assim, em vez de assumir que as manifestações de junho de 2013 foram acontecimentos contraditórios, cujas implicações não estavam dadas neles mesmos, é adotada uma leitura parcial e fatalista que, negando o lugar do conflito político, entende o devir de Junho como desdobramentos inevitáveis de tendencias inerentes do ovo da serpente não pode nascer outra coisa que não seja serpente (Carlotto, et al, 2023, p.113).

A segunda corrente, conhecida como “românticos de junho, interpretam os acontecimentos como uma parte integrante de uma sequência de insurgências populares iniciadas em 2010, como quais manifestam a resistência da população contra o neoliberalismo e suas estruturas burocráticas, tendendo a classificar junho enquanto uma revolução. Além disso, essa visão faz uma crítica à esquerda oficial, acusando-a de restringir-se a disputas palacianas e de ser incapaz de oferecer uma alternativa eficaz à crise.

Essa segunda perspectiva incorre no problema oposto da primeira: ao evitar o determinismo fatalista dos que negam o papel da politica no desfecho dos acontecimentos, essa outra posição fleta com o risco da mitificação ingênua ao entender Junho como um evento em sua essência espontâneo e progressista como se nele no tivesse operado de modo ativo agentes e estruturas, internos e externos, inclusive de natureza conservadora, quando não abertamente retrograda. (Carlotto, et al, 2013, p.113-114)

Carlotto et al. (2023, p.115) destaca que Junho não inventou a polarização brasileira recente, mas a expressou de maneira paradigmática. Ressalta a importância de adotar uma nova abordagem ao analisar o movimento, explorando as disputas pelo seu significado e examinando

<sup>39</sup> Interpretação geralmente disseminada pela “esquerda governista” representada por setores do Partido dos Trabalhadores, Pcdob e outros movimentos ligados a institucionalidade (Fernandes,2019)

<sup>40</sup> Aqui se encontram narrativas que interpretam Junho de 2013 enquanto a “guerra híbrida brasileira”, que os impulsos dos protestos teriam advindo de organizações externas ao país (Carlotto, et al, 2023, p.11-118).

suas potencialidades. O movimento revela-se como um acontecimento cujo sentido histórico perdura, marcando a abertura de uma conjuntura político-econômica que continua vigorando.



## **6. O MOVIMENTO FORA VBL E O LEVANTE POPULAR EM IMPERATRIZ-MA**

As Manifestações de Junho, podem ser compreendidas através de uma série de levantes populares e atos de protestos que já aconteciam desde fevereiro de 2013, na cidade de Imperatriz. No contexto, a população usuária do serviço público de transporte enfrentava dificuldades, ao considerar que a empresa concessionada para a execução dos serviços, Viação Branca do Leste-VBL, mantinha condições de irregularidade e atuava de maneira insatisfatória na cidade<sup>41</sup>. A empresa foi alvo de protestos, organizados pela população, que, além de expressar descontentamento com os frequentes reajustes tarifários, também denunciava as condições precárias em que operava a frota de ônibus na cidade, evidenciando os problemas mecânicos e a circulação irregular em desacordo com as regulamentações do Ministério Público (Imirante, 2013). Razões que impulsionaram as primeiras manifestações.

A atuação do movimento "Fora VBL" e os eventos que se desdobraram ao longo do ano de 2013, constituíram uma fase inicial de reivindicações contra as condições e permanência da empresa VBL em Imperatriz, ecoando até o final de agosto daquele ano. Embora não tenha logrado na conquista do rompimento definitivo do contrato entre a prefeitura e a empresa, o movimento "Fora VBL" deixou um legado enquanto movimento social em Imperatriz, destacando novidades em sua forma de atuação e capacidade de mobilização. Chegando em seu ponto máximo de massificação no final do mês de junho, momento em que conseguiu reunir cerca de 7 mil pessoas nas ruas (Imirante,2013). A série de eventos, especialmente em junho daquele ano, se insere como parte integrante de um processo histórico que se desenrolava em âmbito nacional em 2013, embora adicionando a sua própria historicidade.

### **6.1 Imperatriz: Polo Econômico e cultural do Sudoeste Maranhense - Entre os ciclos econômicos e a transformação urbana**

Imperatriz, situada no oeste do Maranhão, é uma cidade média da Amazônia que desempenha um papel vital na economia regional. Com uma população de aproximadamente 273.110 habitantes, conforme dados do último censo do IBGE<sup>42</sup> em 2022, ela se destaca como a sede da Região Metropolitana do Sudoeste Maranhense, exercendo uma

<sup>41</sup> Existia na cidade uma série de especulações sobre a compra da empresa Viação Nossa Senhora Aparecida pela empresa VBL, para a formação de um único grupo. Mas sem nenhuma confirmação de veracidade (Oliveira,2015).

<sup>42</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022. IBGE Cidades: Imperatriz, MA - Panorama. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/panorama>. Acesso em: 17 fev. 2024.

influência significativa sobre a Região Tocantina e o Bico do Papagaio (Prado, Santos, Silva, 2012).

Reconhecida como um importante polo comercial, Imperatriz desempenha um papel fundamental enquanto centro de abastecimento não apenas para o Maranhão, mas também para estados vizinhos como Tocantins, Pará e Piauí. Esta dinâmica econômica impulsiona o desenvolvimento de inúmeras cidades ao seu redor, como Açailândia, João Lisboa, Davinópolis e Governador Edison Lobão (Almeida, 2014). Dessa forma, Imperatriz emerge como o principal entroncamento comercial, energético e econômico do estado, consolidando-se como o segundo maior centro populacional, econômico, político e cultural do Maranhão<sup>43</sup>.

No que diz respeito à caracterização de Imperatriz e cidades vizinhas, no ano de 1997 houve um novo reordenamento neste município, com a criação e implantação de novos municípios, além dos já existentes, redefinindo nesta região novos significados e interações socioespaciais, provocando relações entre Imperatriz (cidade média da Amazonia) e as demais em seu entorno (Almeida, 2014, p.15).

Além de seu potencial econômico, Imperatriz também abriga uma rica diversidade cultural, refletida em sua arquitetura, culinária, tradições locais e eventos culturais. A cidade se destaca como um local em constante crescimento e transformação, onde o dinamismo econômico se une à riqueza cultural.

Ao longo de sua história, a cidade experimentou uma série de ciclos econômicos que moldaram sua trajetória se estabelecendo enquanto um centro urbano vibrante e dinâmico. Antes da construção da rodovia Belém-Brasília, a cidade enfrentou desafios significativos devido ao isolamento causado pela falta de rodovias que a conectassem a outras regiões do estado<sup>44</sup>. Inicialmente, o desenvolvimento de Imperatriz foi impulsionado pelas águas do rio Tocantins, que serviam como o principal meio de transporte para a locomoção de pessoas e o escoamento da produção destinada à venda (Prado, Santos, Silva, 2012).

A partir de 1960, Imperatriz começa a consolidar-se como novo polo econômico regional, pela força de sua produção e comercialização agrícola, sobretudo do arroz, que se destaca pela abundante produção advinda da nova fronteira que passou a ser conhecida como “estrada do arroz”, ocupada pelos “nordestinos” a partir do final da primeira metade

<sup>43</sup> Prefeitura Municipal de Imperatriz. A Cidade. Disponível em: <https://imperatriz.ma.gov.br/portal/imperatriz/a-cidade.html>. Acesso em: 17 fev. 2024.

<sup>44</sup> A comunicação e o comércio de Imperatriz com as demais regiões maranhenses eram praticamente nulos. Mesmo com Grajaú, na época, principal polo regional, que se ligava a São Luís através de vias fluviais a comunicação era precária e escassa, devido à inexistência de estradas. Nesse sentido, nos primeiros anos do século XX, o trajeto Grajaú-Imperatriz, num percurso aproximado de 240 quilômetros era feito a pé em cinco dias (Almeida, 2014, p.27).

da década anterior, e pela facilidade de transporte de Imperatriz para outras regiões, após a inauguração da Rodovia Belém-Brasília. (Franklin, 2008 apud Prado; Santos; Silva; 2012, p.38).

A construção da rodovia Belém-Brasília foi um marco crucial que acelerou o processo de urbanização e impulsionou o crescimento econômico da região. Com a abertura de novas estradas, como a que ligava Imperatriz a Grajaú, a cidade passou a receber um intenso fluxo de trabalhadores rurais deslocados de suas terras, provenientes dos chamados "vales férteis" do estado do Maranhão e de outras regiões do Nordeste brasileiro (Sousa,2009 apud Almeida,2014). O crescimento demográfico de Imperatriz foi impulsionado ainda mais pelo ciclo da madeira e, posteriormente, pela inauguração da rodovia Belém-Brasília em 1960.

Na década de 1980, o ciclo do ouro também contribuiu para o aumento populacional da cidade. No século XXI, o setor de serviços, incluindo comércio, construção civil e tecnologia, emergiram como um importante motor econômico. Além disso, Imperatriz assumiu o papel de polo educacional da região, com a chegada de universidades públicas e privadas, além de testemunhar o surgimento de novas indústrias, como a instalação da empresa Suzano Papel e Celulose. Sua posição geográfica estratégica, intermediária entre os polos de desenvolvimento regional de Belém, Brasília e Goiânia, também contribui para seu destaque como centro econômico e comercial (Almeida,2014). Assim, Imperatriz se destaca como uma cidade em constante evolução, onde a interseção de fatores históricos, geográficos e econômicos contribui para sua crescente importância na região e no cenário nacional.

A instalação das empresas Suzano Papel e Celulose, Coca-Cola e o grupo Carrefour em Imperatriz representou um marco significativo em termos de investimentos e impacto econômico na cidade e na região. Essas empresas não apenas impulsionaram a economia local, mas também geraram uma série de efeitos colaterais, conforme destacado por Oliveira (2015). Entre esses efeitos, o aumento do fluxo populacional é uma das consequências mais visíveis desses investimentos. Com a criação de novos postos de trabalho e oportunidades de emprego, indivíduos de diversas regiões foram atraídos para Imperatriz em busca de trabalho e melhores condições de vida. Esse crescimento populacional não apenas contribuiu para a diversidade cultural da cidade, mas também demandou uma expansão da infraestrutura urbana, incluindo moradia, transporte e serviços públicos, a fim de atender às necessidades da população em expansão.

## 6.2 O surgimento e os desafios do transporte público em Imperatriz

A introdução do primeiro ônibus em Imperatriz aconteceu na década de 1960, marcando um momento significativo na história da mobilidade e democratização dos espaços urbanos. Conhecido como "Jabuti", o primeiro veículo foi disponibilizado à população pelo empresário Mestre Cândido, proprietário da Hidráulica São Francisco e, posteriormente, da Viação São Francisco, de acordo com a pesquisadora Ana Paula Pinto Pereira (2018). Inicialmente, sua rota era limitada, ligando o final da Rua Getúlio Vargas à Praça da Meteorologia. No entanto, com o crescimento urbano na década de 1970, tornou-se necessário expandir as rotas de transporte público para atender às necessidades da população, que seguia em constante crescimento.

Décadas depois é possível visualizar a expansão de linhas de ônibus para bairros conhecidos como subúrbio: “Ônibus estenderão linhas aos Subúrbios: beneficiados os de Maranhão Novo e do Bacuri, O Progresso, 14/05/1991”. Tais fatos indicam a expansão territorial da cidade (Pereira, 2018, p. 26).

Ainda nessa década, é possível observar a presença de outra empresa atuando no serviço de transporte coletivo em Imperatriz: a Viação Lira do Ouro. Após o estabelecimento da Viação São Francisco e da Lira do Ouro, surgiu também a empresa Transporte Coletivo Imperial-TCI, seguida pela Viação Nossa Senhora Aparecida. A TCI detinha um monopólio bastante forte no setor e, mais tarde, passou a ser conhecida como Nova TCI e, posteriormente, como VBL. É relevante ressaltar que esse domínio só foi quebrado no final de 2015, quando o contrato com a prefeitura foi encerrado, sendo então substituída pela Rio Anil Transportes – RATRANS (Pereira, 2018). Esse desenvolvimento no setor de transporte público reflete as mudanças e desafios enfrentados pela cidade ao longo das décadas, à medida que crescia e se expandia.

Ao longo da história de Imperatriz, desde o surgimento das primeiras empresas de ônibus até os dias atuais, tem se estabelecido uma relação complicada entre os usuários do transporte público e as empresas prestadoras desse serviço<sup>45</sup>. O contexto tem sido acompanhado por diversos movimentos de protestos da população, em resposta a insatisfação com serviço ao longo dos anos. Desde os anos 70, os cidadãos já denunciavam a falta de fiscalização, a ausência de equipamentos de segurança e o estado precário de conservação dos veículos, ainda sob a gestão das empresas Viação Francisco e Lira de Ouro. Essas questões geravam indignação entre a população desde esse período (Pereira, 2018, p. 27).

Essa problemática persistiu ao longo dos anos, refletindo os desafios contínuos da comunidade com relação à qualidade e à segurança do transporte público oferecido em

<sup>45</sup> Além dos concorrentes no setor de transporte alternativo, como mototaxistas e táxis-lotação (Pereira, 2018, p. 26).

Imperatriz. Grande parte desse problema decorre do fato de que o planejamento urbano não acompanhou o crescimento da cidade, ocorrendo de forma desordenada, o que denota a ausência de uma estrutura capaz de sustentar o constante fluxo de pessoas em Imperatriz. Esse descompasso se tornou mais evidente após a construção da rodovia Belém-Brasília e a chegada de novos empreendimentos na cidade, impulsionando o desenvolvimento do comércio local e regional e aumentando o fluxo de pessoas (Oliveira,2015; Pereira,2018).

Percebe-se que há uma grande demanda de pessoas que fazem uso deste tipo de transporte público, chegando a 30% da população, segundo pesquisa realizada pela Equipe de Jornalismo da TV Difusora Sul. (Oliveira,2015, p.18)

Em uma perspectiva mais atual, em 2015, Imperatriz dispunha de um sistema de transporte público que incluía um sistema de ônibus coletivos conectando todos os bairros da cidade por meio do Terminal de Integração, além de oferecer serviços de deslocamento para cidades vizinhas. A cidade possui a segunda maior frota de veículos do estado do Maranhão, sendo superada apenas pela capital, São Luís. Até o ano de 2015, o transporte público urbano e interurbano era predominantemente operado por duas grandes empresas: a Viação Branca do Leste-VBL, que detinha a concessão da maioria das linhas na cidade, com uma frota de 46 ônibus, que operou até o final desse ano; e a Viação Nossa Senhora Aparecida, que atendia uma parcela desse mercado com uma frota de 17 ônibus (Oliveira, 2015).

Ana Paula Pinto Pereira (2018), em sua pesquisa, referenciou um estudo conduzido pela ACII (Associação Comercial de Imperatriz) em colaboração com a FEST (Faculdade de Educação Santa Teresinha), o qual revelou a insatisfação dos usuários em relação aos serviços de transporte coletivo. Os resultados, divulgados pelo Jornal O Progresso em 21 de março de 2013, destacaram que os principais problemas relatados pela população foram: não cumprimento dos horários (84%), ocorrência frequente de problemas mecânicos nos ônibus (80%), veículos sujos (95%), e falta de respeito com cadeirantes e idosos (65%). Esses dados reforçam a percepção generalizada de insatisfação entre os usuários do transporte coletivo naquele momento.

A crescente insatisfação da comunidade imperatrizense com os serviços prestados pelas empresas de transporte coletivo alcançou seu auge no ano de 2013, quando as empresas Viação Branca do Leste e Viação Nossa Senhora Aparecida foram submetidas a uma intensa fiscalização conduzida pela Secretaria Municipal de Trânsito - SETRAN. Resultando na retirada de diversos veículos pertencentes à Viação Branca do Leste de circulação, motivado por denúncias que apontavam o não cumprimento dos requisitos regulatórios estabelecidos pela

legislação brasileira (Almeida,2014). Tais irregularidades incluíam deficiências documentais dos veículos, inadimplência com o pagamento de licenciamentos e deficiências na manutenção da frota, o que culminou na intervenção por parte das autoridades municipais.

Diante disso, os usuários dos transportes coletivos ficam a mercê do descaso, ainda que tenha apoio de empresas alternativas como é o caso do transporte alternativo com as vans, moto taxi, e a empresa Viação Nossa Senhora Aparecida, que detém a concessão para explorar apenas algumas linhas, estes fatos causaram muitos transtornos (Almeida,2014, p.29).

Essa conjuntura afetou diretamente a vida cotidiana dos usuários do serviço, restringindo sua mobilidade e acarretando prejuízos. Diante dessa situação, a comunidade passou a demandar uma resposta por parte do poder público em relação à crise urbana que se agravava em decorrência da retirada dos ônibus de circulação e das condições de precariedade dos veículos que permaneciam circulando. Esse cenário fez eclodir uma série de manifestações populares na cidade de Imperatriz, exigindo o fim do contrato de concessão com a empresa VBL e por uma atuação efetiva por parte do Ministério Público. As mobilizações daquele ano perduraram até meados do mês de agosto.

### **6.3 “Fora Viação Balde de Lixo!!!” A indignação toma conta das ruas de ITZ**

Ao serem questionados sobre as condições do transporte coletivo oferecido pela empresa VBL em 2013, os entrevistados revelaram uma situação de calamidade na qual esse sistema estava imerso na cidade. Destacaram as dificuldades enfrentadas pela população que dependia desse serviço, e tinham a utilização do transporte público como parte essencial da sua rotina. As reclamações mais frequentes incluíam a falta de manutenção, os atrasos constantes dos ônibus e, em alguns casos, a ausência completa da frota para atender determinadas rotas, estas se tornaram questões recorrentes. Os usuários dos transportes públicos se viam à mercê da empresa de transporte, e tinham sua rotina afetada significativamente devido a situação experimentada.

“N” vezes, o ônibus quebrou, “N” vezes o ônibus quebrou e não foi substituído por outro e os passageiros tiveram que descer e esperar o próximo ônibus chegar, sem saber o horário do próximo ônibus, e era um período que não existia Uber, não existia 99, moto táxi era escasso. Então ou você tinha o dinheiro pra você pegar o táxi, caro, que não tinha acessibilidade para pegar um táxi também porque eles ficavam em pontos fixos, ou você tinha que pedir para o pai socorrer, mamãe socorrer, um irmão socorrer, qualquer pessoa que tivesse esse transporte, mas quebrou muitas vezes, quebrou na parada, na hora de sair, quebrou no meio do caminho, já quebrou dentro do terminal de integração. Então, era uma frota que literalmente não tinha nada de novo, oferecesse pra cidade, e eu acho que o mais sucateado possível

era o melhor pra essa frota, porque nunca supriu a necessidade do usuário em Imperatriz (Entrevistado FB, Entrevista, 24/02/2023).

O ônibus para o IFMA é uma coisa engraçada, porque até hoje é assim. Quando os alunos estão de férias não tem ônibus pra lá direito. Eles reduzem muito a frota do ônibus naquela direção quando está fora do período de aula. Mas eu utilizava, condição bem precária. Foi antes aí do surto de aumento de passagem, até que a condução não era tão caro assim na época, eu era bolsista do IFMA com o auxílio transporte, e dava o valor das passagens, você conseguia tranquilo fazer (Entrevistado F, Entrevista, 20/03/2023).

Tinha ônibus, só que era muito sucateado na época, e vivia quebrando, vivia atrasando, e ir pro terminal. A nossa, a nossa questão mais próxima ali. Ou era a UFMA, o ponto da UFMA. Que era muito perigoso. Pra ficar esperando a noite, onze horas, onze e meia, onze, né? Ou ir direto pro terminal e sair dez e meia pra ir terminar, muitas vezes a gente chegava lá já estava indo último ônibus. E aí, quando o último ônibus a única possibilidade que tinha, como eu morava distante, né? (Entrevistado SF, Entrevista, 02/03/2023)

Para contornar os transtornos causados pela má administração desse serviço, os indivíduos que possuíam melhores condições financeiras recorriam ao uso do transporte alternativo, que englobava os táxis-lotação e mototáxis na época, quando não possuíam veículos particulares. A crise enfrentada em relação ao transporte público na cidade afetava especialmente os moradores de bairros mais afastados das áreas urbanas, resultando no isolamento dessas comunidades em relação ao restante da cidade.

Em entrevista com SF, que em 2013 conciliava sua rotina entre os estudos e trabalho, compartilhou os desafios que enfrentava devido à crise no transporte público. Levando a tomar a decisão de mudar de residência para continuar frequentando a escola, já que não havia ônibus disponível no bairro onde morava;

[...] eu era estudante secundarista, estudava no Governador Acher, trabalhava durante o dia, já trabalhava durante o dia, morava em uma república com outros jovens também, que trabalhavam durante o dia e ia estudar, na época o terceiro ano do ensino médio, à noite. Então, eu tinha uma rotina bem puxada, bem cansativa. Teve um momento que eu tive que mudar de residência para conseguir morar mais próximo da escola, porque muitas vezes quando finalizava a aula a gente já não encontrava ônibus e morava um pouco distante, e aí nisso eu tive que mudar também de residência, a gente, né? República. Por conta do transporte na época (Entrevistado SF, Entrevista, 02/03/2023).

Diante os desafios enfrentados nesse contexto, estudantes da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, começaram a se organizar a fim de suscitar o debate quanto a situação do transporte público em Imperatriz e denunciar o descaso que se encontrava o sistema, dando origem ao movimento conhecido como Fora VBL. Os estudantes iniciaram com um

pequeno grupo dentro da universidade (Movimento #Fora VBL, 2013). Apesar de ter começado com um número limitado de participantes, o movimento exibiu uma notável capacidade de articulação e estratégia em seus estágios iniciais, o que facilitou sua divulgação. Isso resultou em uma expansão significativa de seu alcance, utilizando efetivamente as ferramentas disponíveis a seu favor.

E aí a gente foi percebendo ali naquele contexto, eu e a (*nome de outro membro fundador do movimento*), quando a gente idealizou o movimento, a gente foi percebendo naquele contexto, que não só eu, mas outras pessoas também passavam pelas dificuldades de um transporte público de qualidade. “Ah! Como que a gente identificou isso?”, vozes do nosso dia a dia. As pessoas que estudavam com a gente, as pessoas que a gente conhecia. Tudo iniciou no coração da UFMA, né? Então ali no coração da UFMA foi quando a gente começou a traçar e planejar de fato, e começou de uma sementinha muito simples, começou entre eu e a (*nome de outro membro fundador*), (Entrevistado J.E, Entrevista,28/03/2013).

**Imagem 13:** Arte de apresentação da comunidade no Facebook.



**Fonte:** Movimento #Fora VBL. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/foravbl/>>. Acesso: 19 de fevereiro de 2024.

Em fevereiro de 2013, o movimento cria a comunidade no *Facebook* denominada "Movimento #ForaVBL", dedicando-se à produção de materiais de divulgação para as redes sociais e organizando campanhas para a confecção de camisetas com o nome do movimento. Além disso, elaboraram um manifesto contendo as reivindicações do movimento. A página do *Facebook* tornou-se o principal canal de comunicação entre a organização e os membros do movimento, transmitindo informações sobre as datas das atividades e as denúncias da comunidade, que compartilhavam suas experiências de descontentamento com as empresas de transporte coletivo.

As primeiras atividades realizadas pelo movimento, foram os chamados "atos em semáforos". Os integrantes reuniam-se em pontos estratégicos do centro da cidade para a realização de panfletagens. Enquanto parte dos integrantes distribuía os materiais, outros se posicionavam em frente às faixas de pedestres das ruas quando o semáforo estava fechado.

Vestidos de forma lúdica, chamavam a atenção dos pedestres e condutores de veículos que circulavam pela região reivindicando suas pautas. Como explicou um dos entrevistados:

A gente era extremamente organizado, desde a confecção de camisa, confecções de cartazes, pintar, faixas, tudo a gente era extremamente organizado. A gente fazia movimentos nos semáforos. [...], que a gente ficava no semáforo, amarrada a mão, venda no olho, a gente tinha uma coisa bem lúdica para externar, para o pessoal entender, que o ônibus era uma coisa que todo mundo utilizava, mas que uma hora precisava que alguém falasse pelos usuários, foi quando a gente começou a organizar bem direitinho, até depois arrumar carro de som, agregação de outros alunos, instituições, chegaram os caroneiros, também, não vou mentir, chegaram os caroneiros ali depois, tudo organizado, chegaram para dizer que também estava no meio, principalmente a classe vereadora, na época. Então foi mais ou menos nesse sentido (Entrevistado J.E, Entrevista, 28/03/2023).

**Imagem 14:** Ato nos semáforos.



**Foto:** Movimento #Fora VBL. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/foravbl/>>. Acesso: 19 de fevereiro de 2024.

[...]a gente era os que tinha mais coragem de fazer as coisas, de fazer os atos que ninguém tinha coragem. Vamos para o semáforo? A nossa ideia é, sem voz, sem visão, sem ação. Então a gente criava ali, amarrava os braços, colocava venda, colocava a mão na boca, e um cartaz. E eu lembro que na época o pessoal aderiu mesmo, o pessoal da rua, porque mesmo quem tinha o seu transporte particular, sabia da necessidade de ir no transporte melhorar, porque era notório para a cidade inteira, então a gente estava no semáforo e o pessoal começava a buzinar, “é verdade! É isso mesmo!”, e aí a gente sabia a hora do semáforo abrir, aí saía, depois voltava de novo, e aí a gente criou outras equipes também para fazer isso. Então, paralelamente, às vezes eram quatro equipes em semáforos diferentes, com alto fluxo de trânsito (Entrevistado J.E, Entrevista, 28/03/2023).

É possível identificar uma lógica de organização do movimento que transcende a simples administração da comunidade do *Facebook*. Percebe-se que os integrantes

tradicionalmente se reuniam em plenárias abertas para realizar o debate das demandas do movimento, assim como questões de logística. Nesses momentos é possível perceber também a presença de estudantes de vários cursos da UFMA, assim como de outras instituições de ensino superior e secundaristas, além da presença de vereadores de oposição a prefeitura, que também apoiavam a construção coletiva<sup>46</sup>.

Ao longo do mês de fevereiro, o movimento conquistou cada vez mais apoio da comunidade, e mais membros começaram a se juntar a ele. Além das atividades nos semáforos, o movimento já havia idealizado a realização de atos maiores na cidade e, ao longo do mês, realizaram reuniões para discutir a viabilidade de estruturação dos protestos (Movimento #ForaVBL, 2013). Esse impulso foi especialmente evidente após o dia 28/02, quando ocorreu uma audiência pública na câmara de vereadores da cidade para questionar a empresa VBL sobre a situação de regularização do transporte coletivo.

O movimento empreendeu esforços para mobilizar seus membros a comparecerem à audiência, que ocorreu em meio a alguma turbulência. Além dos representantes da empresa VBL, que também incentivaram seus funcionários a comparecerem, a presença de alguns vereadores cujas posições não estavam alinhadas aos interesses dos usuários do serviço de transporte contribuiu para o clima de confronto. A avaliação dessa audiência pelo Movimento Fora VBL revelou um aumento significativo na insatisfação. Antes mesmo do evento, eles já haviam agendado uma manifestação para o dia 1º de março, dia seguinte, e após a audiência, essa indignação foi ainda mais inflamada, resultando em uma maior adesão de pessoas (Movimento #ForaVBL, 2013).

A primeira manifestação, conhecida como "Apitação", reuniu cerca de 200 pessoas em frente ao campus central da UFMA em Imperatriz. Os manifestantes ergueram faixas e cartazes demandando melhorias no serviço público de transporte e a rescisão do contrato com a empresa VBL. O grupo marchou pelas ruas do centro da cidade e fez uma parada simbólica em frente à Prefeitura, sendo acolhido positivamente pelos moradores locais durante o percurso (CORREIO POPULAR, 2013).

O movimento "Fora VBL", que surgiu a partir da iniciativa de estudantes da UFMA, ganhou apoio de escolas municipais e estaduais

---

<sup>46</sup> O então vereador Prof. Carlos Hermes, em 05/02/2013, em seu blog pessoal emitiu uma saudação ao movimento "Fora VBL", expressando seu apoio e divulgando suas pautas. Disponível em: [https://carloshermes.blogspot.com/2013/02/transporte-publico-dara-o-tom-da.html?fbclid=IwAR3a6cLZYQY\\_aOcduDouvTP1p0GQIQt0-TphX-gr8sh0yQz327UCOkr9baE](https://carloshermes.blogspot.com/2013/02/transporte-publico-dara-o-tom-da.html?fbclid=IwAR3a6cLZYQY_aOcduDouvTP1p0GQIQt0-TphX-gr8sh0yQz327UCOkr9baE). Acesso em: 19 de fevereiro de 2023.

e, ainda, de alguns vereadores. Durante a reivindicação, estiveram juntos na ação, estudantes das escolas Graça Aranha; Dorgival Pinheiro de Sousa; Governador Archer; Barjona Lobão; Raimundo Soares e três vereadores da cidade, Carlos Hermes, Marco Aurélio e Aurélio. "A empresa não está prestando um serviço de qualidade para a população, por isso dou o meu apoio", declara o vereador Aurélio (Correio Popular,02/03/2013).

**Imagem 15:**Manifestantes em frente a UFMA de Imperatriz realizando apitaço.



**Fonte:** CORREIO POPULAR,02/03/2013.

Esse ato de protesto obteve uma repercussão bastante significativa, alcançando a solidariedade de estudantes de escolas secundárias que se uniram ao movimento. Diante do sucesso inicial, o movimento intensificou seu trabalho de divulgação nas mídias sociais, agendando novas atividades nos semáforos e ampliando a divulgação do movimento. Poucos dias após o primeiro ato, uma operação da Polícia Rodoviária Federal resultou na apreensão de cinco veículos da empresa VBL em Imperatriz. A abordagem detectou irregularidades tanto na documentação quanto na manutenção dos veículos (Correio Popular, 07/03/2013).

No dia 18 de março, a Procuradoria Geral do Município deu início a um procedimento administrativo contra a Viação Branca do Leste, buscando a suspensão do contrato de concessão com a empresa. A prefeitura solicitou uma vistoria em toda a frota de ônibus, porém a VBL recusou-se a permitir o acesso à garagem. Em 17 de dezembro de 2012, a VBL havia sido notificada para implementar uma série de melhorias, que incluíam desde a regularização dos horários até a renovação da frota. A empresa recebeu três prazos para cumprir essas exigências, sendo que o último teria expirado no dia 17 de março de 2013 (Imirante, 18/03/2013).

**Imagem 16:**Manifestação Vila Cafeteira



**Foto:** Movimento #Fora VBL. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/foravbl/>>. Acesso: 19 de fevereiro de 2024.

Com o término do prazo para a regularização da empresa, a prefeitura estendeu o prazo por mais 10 dias. Em resposta, a Associação de Moradores da Vila Cafeteira convocou uma manifestação para o dia 22 de março, estendendo o convite aos militantes do Movimento Fora VBL. A manifestação ocorreu na Avenida Liberdade, em Imperatriz, com duração de aproximadamente duas horas e contou com a participação de moradores e estudantes universitários (Imirante, 22/03/2013; Correio Popular, 23/03/2013).

Para o morador do bairro, Antônio Conceição Teles, a ação é decorrente de três reuniões com os moradores da Vila Cafeteira, e principalmente, pelo vencimento do prazo dado pela prefeitura para regularizar a frota de ônibus. “Estamos sofrendo com o desrespeito da empresa, decidimos fazer a manifestação de hoje. O nosso objetivo é cobrar da VBL, um transporte de qualidade, ela tem que sair de linha, porque já venceu todos os prazos” (Imirante, 22/03/2013).

No intervalo entre a manifestação do dia 22 de março e o ato marcado para o dia 26 de abril, dois acontecimentos adicionais inflamaram a revolta da população. Em 13 de abril, um ônibus da empresa VBL se envolveu em um pequeno acidente no centro da cidade. Durante a inspeção da situação, os guardas de trânsito constataram que o veículo estava em condições irregulares: o motorista transitava sem a documentação necessária, emplacamento irregular e em uma via proibida para os ônibus da linha (Correio Popular, 13/04/2013). O segundo incidente ocorreu quatro dias depois, em 16 de abril, quando passageiros de um ônibus que

partia do IFMA viveram momentos de pânico a bordo do veículo, que apresentava sinais de incêndio<sup>47</sup>.

O aluno do IFMA, Mario Lima, conta o horror que viveu: "Por volta de 22h30, eu e mais algumas dúzias de alunos que vínhamos do IFMA para o Centro passamos por uma situação, no mínimo, assustadora. Ouvi um ruído muito forte, um barulho estranho vindo do ônibus. seguido por um solavanco estranho. Então parei, olhei para o motorista e ele tentava passar a marcha. Comecei a sentir um cheiro de queimado, observei apenas meus colegas desesperados, tentando sair do ônibus que começava a se encher completamente de fumaça". Ele comenta que "o desespero foi total" enquanto todos tentavam fugir: "A porta de trás estava congestionada. Ouvi muita gente gritando e engatinhando pelo chão do ônibus. O motorista tentava também se salvar após ter aberto as portas do ônibus, permitindo que as pessoas saíssem. Tratei logo de me afastar do ônibus, pensando que poderia explodir". Mesmo após todos fugirem, o desespero não diminuiu segundo o estudante: "Vi muita gente chorando, muita gente nervosa, vi gente ferida sentada no gramado". Ele se diz completamente indignado com a empresa de transporte. "Não é só uma empresa mentirosa e mau prestadora de serviços, é um perigo à vida de quem precisa usar transportes públicos nessa cidade", desabafa (Correio Popular,18/04/2013).

O contexto que precedeu a convocação para o 2º Apitação do Movimento Fora VBL foi marcado por uma conjuntura política instável, com a revolta de profissionais de diversos setores do serviço público. Professores da rede municipal de educação, representados pelo Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino (STEEI), e trabalhadores da saúde, através do Sindicato dos Trabalhadores da Saúde (SindSaúde), já estavam imersos em um clima de insatisfação, exigindo da câmara municipal um reajuste salarial justo para suas respectivas categorias. No dia 15 de abril, o STEEI deflagrou uma greve dos professores em protesto contra as propostas de reajuste consideradas insatisfatórias, as quais foram aprovadas pela câmara, resultando na paralisação das atividades de aproximadamente 80% dos docentes (Imirante, 15/04/2013). No dia 24, a categoria realizou uma manifestação em frente à residência do

---

<sup>47</sup> A situação do transporte público em João Lisboa, situado a 12km de Imperatriz, também gerava insatisfações. No município, as empresas Viação Branca do Leste e Viação Nossa Senhora Aparecida também operavam (Imirante, 05/04/2013).

prefeito do município, reivindicando o reajuste. O ato recebeu apoio nas redes sociais, mas causou desconforto em parte dos vereadores ligados ao prefeito<sup>48</sup>.

Desde o final de março, o Movimento Fora VBL mobilizava a convocação do segundo "Apitão". Nesta nova etapa, o movimento ampliou suas pautas vocacionando as reivindicações de outros setores do serviço público, como os professores municipais e os profissionais da saúde, que desempenharam um papel fundamental na organização do movimento<sup>49</sup>. A manifestação, que aconteceu no dia 26 de abril, percorreu as principais ruas da cidade, partindo do campus central da UFMA e culminando em frente à prefeitura (Imirante, 26/04/2013).

**Imagem 17:** Arte de divulgação do II Apitão Fora VBL.



**Fonte:** Movimento #Fora VBL. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/foravbl/>>. Acesso: 19 de fevereiro de 2024.

Durante o período de 3 a 24 de maio de 2013, cerca de 40 ônibus da empresa VBL foram apreendidos devido a acusações de irregularidades. O processo de investigação entraria em sua reta final, e a prefeitura deteria o poder de decisão sobre a possível quebra do contrato com a empresa. Esta última teria o prazo estendido para apresentar sua defesa (Imirante, 24/05/2013).

O promotor de Justiça Sandro Biscaro, da Promotoria de Defesa do Consumidor, questiona o fato da Secretaria de Municipal de Trânsito (Setran), não fiscalizar os ônibus da empresa Viação Branca do Leste

<sup>48</sup> Nesse mesmo período servidores municipais de Açailândia também deflagraram greve. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/04/13/servidores-municipais-de-acailandia-entram-em-greve-por-tempo-indeterminado>. Acesso: 19 de fevereiro de 2024.

<sup>49</sup> Em 24 de abril de 2013, estudantes do campus Bom Jesus da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que anteriormente haviam organizado 'bicicletações' para reivindicar a melhoria da infraestrutura asfáltica da rodovia de acesso a esse campus, deram início a um movimento de 'ocupação' do campus, demandando a instalação de novos laboratórios (Fonte: Imirante, 24/04/2013).

(VBL), que presta serviço de transporte pública em Imperatriz e nas cidade circunvizinhas. Sandro Biscaro disse ter requisitado da Setran a investigação dos ônibus supostamente irregulares, mas não obteve resposta. “Eles (Setran) se quer responderam. Não é papel meu ir as ruas fiscalizar ônibus como estou fazendo, se está neste caos a responsabilidade é do município e providências precisam ser tomadas, “diz o promotor de justiça (Imirante,15/05/2013).

#### 6.4 Junho: Para além do chamado nacional

Em junho de 2013, os ventos das megamanifestações nacionais chegaram em Imperatriz. E com ele toda a sua efervescência. No dia 20 de junho, o Movimento Fora VBL e diversos outros movimentos sociais, incluindo os grupos feministas de Imperatriz, o Movimento Sem Terra, os Movimentos dos Povos Indígenas e o Centro de Direitos Humanos Padre Josimo, responderam ao chamado nacional (Movimento #ForaVBL, 2013). Juntos, eles organizaram a maior manifestação da sequência<sup>50</sup> de protestos de 2013 em Imperatriz, contando com a presença de aproximadamente 7 mil pessoas, de acordo com estimativas da Polícia Militar (Correio Popular, 21/06/2013).

Ali foi de fato o estopim, o estopim de tudo, né? A gente tinha planejado uma coisa bem pequena. A gente falou assim: a gente vai chamar todo mundo, quem quiser ir a gente vai, a gente aluga um carro de som, aí a gente faz como vai fazer, né? Pega a faixa, vai pra frente, e vai se manifestar com os cartazes, e tal. Só que no meio do percurso outras pessoas foram dando voz, como que eu vou dizer? No meio do percurso as pessoas falavam: agora a gente vai para tal lugar! Bora! Quem se garante? E tal... vamos na frente da câmara[...]. A câmara era o único lugar previsível ali que a gente iria, a gente iria dar uma volta, assim, na cidade né? Na câmara a gente iria parar para protestar exatamente no sentido de que os vereadores, assim, a maioria era contra a gente, entendeu? Aí depois eles foram a favor porque eles perceberam que ou eles ficavam a favor ou eles se definhavam sozinhos, entendeu? Então foi quando eles ficaram ali a favor também, alguns, a grande maioria depois, e foi isso. [...] E eu assim: “gente, de onde saiu esse carro? Meu planejamento era só um carro pequeno, era só um microfone”. E aí, gente, gente, que eu não contava, e aí eu falava: “meu Deus, onde é que eu estou metendo esse povo?”. E eu olhei pra (*membro do movimento*) e falei assim: “ei, querida agora a gente arrumou, viu? (Entrevistado J.E, Entrevista,28/03/2023).

<sup>50</sup> O auge das manifestações de 2013, aconteceram dia 20 de junho em todo país levando ao todo mais de um milhão de pessoas às ruas.

**Imagem 19:**Manifestação 20 de junho em Imperatriz.



**Foto:** SAVIO TIAGO,2013.

A organização do evento envolveu reuniões presenciais entre estudantes, representantes de movimentos sociais, alguns vereadores que já demonstravam afinidade com as pautas anteriores e membros da comunidade local. Durante essas reuniões, foram estabelecidos núcleos para dividir as tarefas de mobilização para o ato. A comunidade do Facebook desempenhou um papel crucial como plataforma de mobilização, onde os participantes estabeleciam metas diárias para o número de pessoas a serem convidadas. No dia 14 de junho, um evento na plataforma já havia sido criado, e os membros estavam dedicados à sua divulgação, assim como à produção de material para as mídias sociais (Movimento #ForaVBL, 2013).

**Imagem 20:** Capa do jornal Correio Popular 21/06/2013



**Fonte:** Correio Popular,2013.

No cerne da mobilização, as demandas eram diversas, abrangendo desde a consolidação dos direitos democráticos até a melhoria dos serviços públicos, como educação, saúde e segurança. Trabalhadores de diversos setores de Imperatriz responderam ao chamado, juntamente com estudantes do ensino médio e universitário. Esta manifestação se destacou não apenas pela quantidade de participantes e pela sua organização mais estruturada, mas também pela efervescência da multidão, que marchou da Praça de Fátima até a prefeitura da cidade, onde ocorreu um conflito com a cavalaria da polícia (Correio Popular, 21/06/2013).

**Imagem21** Multidão caminha nas ruas de ITZ.



Foto: SAVIO TIAGO, 2013.

A manifestação tomou proporções inesperadas, surpreendendo a equipe de organização e escapando de seu controle, resultando em uma cacofonia de vozes pelas ruas. Ao chegar à prefeitura, os gritos de reivindicação se intensificaram. Mesmo diante dos apelos da organização, um dos manifestantes lançou uma pedra contra o vidro do prédio, quebrando-o. Além disso, indivíduos isolados também foram vistos soltando bombas caseiras no meio da multidão (Imirante, 21/06/2013). Diante da situação, a polícia respondeu utilizando bombas de efeito moral e spray de pimenta para dispersar a multidão. Relatos de manifestantes também apontaram o uso de cassetetes e balas de borracha pelas autoridades (Correio Popular, 21/06/2013). Uma parte dos manifestantes persistiu em caminhada, marchando até a residência do prefeito e, em seguida, até a BR-010, onde bloquearam três pistas com barricadas. Somente por volta da 1h da madrugada do dia seguinte em negociação com a polícia que essas barricadas foram removidas, antes que os manifestantes se dispersassem.

**Imagem 22:** Força policial em frente a prefeitura manifestação 20 de junho.



**Foto:** MURILO NOGUEIRA, 2013.

E enfim, quando a gente chegou lá pessoal o pessoal foi recebido pela cavalaria, né? E uma galera jogou pedra na vidraça da prefeitura, que foi quando os policiais avançaram pra cima da gente com spray de pimenta, foi uma correria, foi horrível mas mesmo assim o pessoal não queria se dispersar, então marcamos lá, “um bora, um bora, um bora”, e aí a gente foi para a frente da casa do prefeito, aonde piorou a situação, que foi... O prefeito na época era o Madeira, morava lá perto. Enfim, eu nem sei se era a casa dele, mas eu acho que era, porque tinha muito mais policial em frente a essa casa do que na prefeitura, e aí cacete, e aí cavalo, e pá pá pá, não sei o que, todo um confronto com a polícia, só que mesmo assim era muita gente, nossa, dispensamos e andamos, né? No mesmo dia. “Vamos fechar a BR”, aí a gente pegou a parte do viaduto, foi uma coisa assim muito emblemática, sabe? Ver as três pistas fechada, sem passar nada e o pessoal em cima do viaduto, todo mundo parado, só a multidão de gente, e aí todo mundo começou a andar, era uma energia, uma coisa assim, absurda... Porque nem se pensava, né? E aí todo mundo começou a andar do viaduto até a entrada a entrada da cidade, onde tem o portal. O portal da cidade, fomos andando e tal. E aí que no portal da cidade que ficou mais tenso, tava todo mundo já com um clima assim muito tenso, muito tenso, que aí a gente juntou muitos pneus que estavam debaixo, eu acho que debaixo da ponte, a gente subiu, a galera, né? (Entrevistado SF, Entrevista, 02/03/2023).

A manifestação do dia 20 de junho reverberou nas redes de notícias e blogs da região, alcançando considerável repercussão na imprensa. A população de Imperatriz mostrou-se receptiva aos manifestantes, identificando-se com suas demandas, embora desaprovando os atos de vandalismo que eventualmente ocorreram no centro da cidade. Apesar do receio sentido pela organização e pelos militantes do Movimento Fora VBL devido aos recentes conflitos com a polícia, eles continuaram a articular atos de protestos e a denunciar a situação nas redes

sociais, destacando especialmente a situação do transporte público em Imperatriz (Movimento #ForaVBL, 2013).

**Imagem 23:** Manifestantes ocupam parte da BR-010. Manifestação 20 junho.



**Foto:**SAVIO TIAGO,2013.

Diante do êxito da manifestação do dia 20 de junho, o Movimento Fora VBL ganha novo impulso, engrossando suas fileiras de militantes e preparando-se para o próximo ato de rua. Com o apoio dos movimentos sociais da região, renovam o foco na questão do transporte coletivo, especialmente após a prefeitura prorrogar o prazo de regularização da empresa VBL (Movimento #ForaVBL, 2013). Decisão que desagradou tanto à população quanto ao Ministério Público, que já indicava estar inclinada à rescisão do contrato.

**Imagem 24:** Manifestantes em frente a prefeitura Ato 24/06.



**Foto:**Movimento #ForaVBL, 2013.

No ato realizado em 24 de junho, denominado #PulaCatraca, aproximadamente mil pessoas compareceram às ruas (Correio Popular, 25/06/2013). A marcha teve início na Praça de Fátima, passando por uma concentração no Terminal de Integração e culminando na prefeitura da cidade. O evento teve início por volta das 16 horas e se estendeu até o início da noite, sem


que houvesse conflitos com a polícia (Imirante, 24/06/2013). Logo após, foi marcada uma reunião entre os organizadores do movimento para análise de conjuntura e para dar início às negociações com a prefeitura.

**Imagem25:** Reunião Movimento Fora VBL nas dependências da UFMA de Imperatriz



**Foto:**Movimento #ForaVBL, 2013.

**Imagem 26:**Panfleto com as reivindicações na manifestação do dia 24.



## PULEM AS CATRACAS!

A empresa VBL não respeita o povo, e nem o contrato com o Município de Imperatriz. Após muita pressão dos manifestantes, o prefeito Sebastião Madeira se reuniu com o movimento, que quer uma solução para o problema do transporte.

O prefeito debochou das propostas do movimento, e não atendeu nenhuma de nossas reivindicações:

- FIM DO CONTRATO COM A VBL  
O que o prefeito disse: ele pediu **MAIS um prazo!** Até dia 10 de julho.
- CRIAÇÃO DE UMA EMPRESA MUNICIPAL DE TRANSPORTES  
O prefeito disse que isso não é um compromisso da sua gestão. Claro! Seu único compromisso é garantir o lucro dos empresários que deram dinheiro para sua campanha eleitoral!
- AUMENTO IMEDIATO DA FROTA E DAS LINHAS  
O que o prefeito disse: se a empresa não atendeu isso antes, não vai ser agora...
- RETORNO IMEDIATO DOS COBRADORES  
De novo, Madeira disse que isso depende só da empresa... ou seja: para ele, a segurança de quem anda de ônibus não é problema da Prefeitura!
- NENHUM AUMENTO DA TARIFA POR 2 ANOS  
O prefeito disse que não vai aumentar a tarifa. Mas ele se negou a assinar qualquer compromisso, e pediu para o povo confiar nele...

**NÃO CONFIAMOS!!!  
SÓ CONFIAMOS NO POVO NAS RUAS!!!**

**TODOS À PRAÇA DE FÁTIMA! SEGUNDA FEIRA,  
24 DE JUNHO, ÀS 16H!**

A VBL QUEBROU O CONTRATO COM O POVO.  
AGORA, O POVO VAI QUEBRAR O CONTRATO COM A VBL:  
**NÃO PAGAMOS MAIS PASSAGEM!  
VAMOS PULAR AS CATRACAS!!!**

ESTUDANTES DA UFMA / ESTUDANTES DA UEMA / FORA VBL / DCE-UFMA  
ROMPENDO AMARRAS / JUNTOS / MOVIMENTO ESTUDANTES EM AÇÃO - SECUNDARISTAS  
UNIDADE CLASSISTA / MOVIMENTO RESGATE GRANDE SANTA RITA / CSP-CONLUTAS  
MST / CENTRO DE DIREITOS HUMANOS PADRE JOSIMO / ENECOS / CIMI  
MOVIMENTO FEMINISTA DE IMPERATRIZ / MOVIMENTO DAS COMUNIDADES POPULARES  
UMEH / FRENTE DE OPOSIÇÃO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

**Fonte:**Movimento #Fora VBL. Facebook. Disponível em:  
<<https://www.facebook.com/groups/foravbl/>>. Acesso: 19 de fevereiro de 2024.

Em uma coletiva de imprensa realizada em 25 de junho, o Promotor de Justiça Sandro Biscaro anunciou a solicitação de uma multa de R\$ 70 milhões contra a empresa VBL por meio de uma ação civil pública. Ademais, instou a prefeitura a iniciar um processo licitatório para substituir a VBL e, enquanto isso não ocorresse, contratar temporariamente outra empresa para atender os usuários do transporte público (Imirante, 25/06/2013). Em resposta ao pedido do Ministério Público, a juíza Ana Lucrecia Sodr e Reis decidiu pela suspensão do contrato da VBL com o município. Em 10 de julho, o prefeito Sebastião Madeira anunciou oficialmente a rescisão imediata do contrato com a Via o Branca do Leste, responsável pela maioria das linhas do transporte coletivo de Imperatriz. A empresa seria notificada em breve, e a Secretaria Municipal de Trânsito teria 20 dias para contratar uma substituta. Posteriormente, a prefeitura teria 120 dias para abrir um processo licitatório com o objetivo de contratar uma empresa de transporte permanente (Imirante, 10/07/2013).

A decisão foi recebida com entusiasmo pelos militantes do Movimento Fora VBL, que já estavam mobilizados para responder ao chamado nacional de manifesta es no dia 11 de julho, o 5  Ato Unificado em Imperatriz. A manifesta o contou com a participa o de trabalhadores de diversos setores que reivindicavam a aprova o da PEC 300, que propunha a equipara o salarial entre a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros. Cerca de 500 pessoas compareceram ao protesto. Os manifestantes partiram da praça de Fátima, cruzaram a cidade portando faixas, cartazes e entoando slogans, até alcançarem a BR-010, onde novamente interditaram a rodovia usando pneus e outros objetos (Imirante, 11/07/2013).

**Imagem 27:** Manifestantes ocupam BR.



**Foto:** IMPERATRIZ FOTOS, 2013.

Os manifestantes exigiam a presença de representantes da prefeitura para negocia o. Depois de aproximadamente duas horas de interdi o e uma conversa com a Polícia Rodoviária Federal (PRF) o trânsito foi liberado por volta das 22h15, mesmo sem a presença de autoridades

municipais. Segundo a coordenação do protesto, os movimentos sociais e sindicais vão elaborar um documento pedindo que o município cumpra a decisão judicial e a quebra do contrato com a empresa Viação Branca do Leste (VBL) que opera a maioria das linhas de transporte coletivo na cidade (Imirante, 11/07/2013).

Em discordância com o processo em andamento e o que já havia sido anunciado pela prefeitura, em 23 de julho, durante uma entrevista coletiva, o diretor da Viação Branca do Leste declarou que a empresa de transporte coletivo continuaria a operar na cidade. Ele afirmou que a empresa conseguiu uma liminar na Justiça que suspendeu a rescisão do contrato anunciada pela prefeitura e a contratação de uma nova empresa. Na ocasião, o diretor da empresa também anunciou a aquisição de 35 novos ônibus e melhorias nos serviços prestados (Imirante, 23/07/2013).

“Nós estamos entrando com um mandado de segurança, para garantir ao povo de Imperatriz um transporte decente. Eu estive no Tribunal, conversei com o assessor da desembargadora Cleonice e falei para ele, dizer à desembargadora, que não é justo, para o povo de Imperatriz, manter essa empresa que não tem mais condição de transportar as pessoas. Nós fizemos um processo administrativo, com todo o direito de defesa. Há um ano eu faço apelo à VBL para melhorar. O Tribunal proibiu que quebrasse o contrato mas não proibiu que fiscalizasse”, disse o prefeito Sebastião Madeira, lembrando que na fiscalização realizada nessa segunda (22) e terça-feira (23), mais 20 ônibus da VBL foram apreendidos (Imirante, 24/07/2013).

Simultaneamente, uma operação conjunta entre a polícia e o Ministério Público resultou na apreensão de novos ônibus da VBL, levando à apreensão de 27 veículos e deixando a empresa operando apenas com 5 ônibus (Imirante, 27/07/2013). Isso gerou insatisfação entre os funcionários da empresa, que decidiram interditar a BR-010 no dia 29 de julho em protesto contra a apreensão dos veículos, além do temor de possíveis demissões. A liberação da via só ocorreu após 5 horas de negociação, causando inúmeros transtornos (Imirante, 29/07/2013).

**Imagem 28:** Convocação dos estudantes do IFMA para manifestação



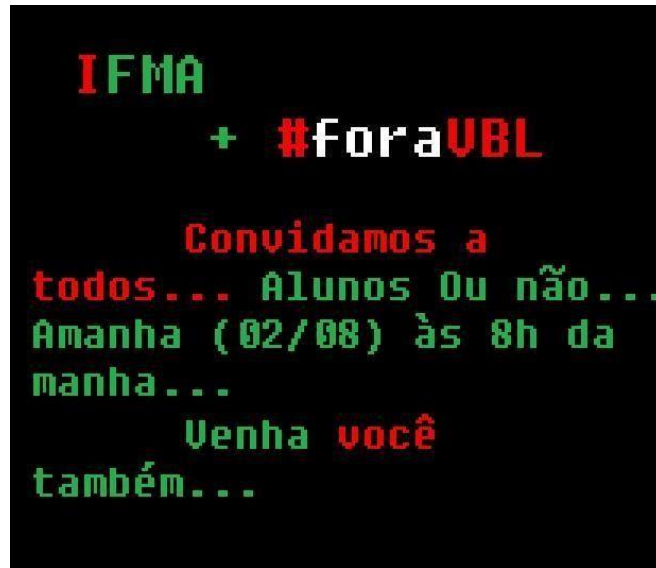


Foto: Movimento #ForaVBL, 2013.

No dia seguinte, 31 de julho, estudantes do Instituto Federal do Maranhão realizaram uma manifestação em frente à instituição, denunciando a falta de ônibus circulando na região. Bloquearam a passagem na avenida Newton Belo como forma de protesto, principal estrada que dá acesso a empresa Suzano Papel e Celulose. Na manhã seguinte, os estudantes do turno matutino retomaram o protesto, porém, um trágico acontecimento marcou a manifestação do dia 1º de agosto: um motorista atravessou o bloqueio atropelando um estudante durante a manifestação, causando revolta entre os demais estudantes (Imirante, 01/08/2013).

“Eu estava junto com ele, estamos em uma manifestação pacífica, estava aqui e o carro avançou, mas ele não conseguiu sair porque tinha alguns paus, aí o motorista passou por cima dele”. Afirmou a estudante, Rayssa Costa. Os alunos fizeram uma espécie de corrente, de mãos dadas, para impedir que os motoristas tentassem furar o bloqueio. Além da avenida Newton Belo, a principal via de acesso para a indústria de papel e celulose, eles bloquearam a rua Santa Rita. Galhos de árvores, paus e pneus foram utilizados para impedir o acesso nas vias (Imirante, 01/08/2013).

**Imagem 29:** Estudantes do IFMA bloqueiam avenida.



**Foto:** INGRED RODRIGUES,2013

Ainda no dia 1 de agosto, a Secretaria Municipal de Trânsito emitiu uma notificação à empresa Viação Branca do Leste, exigindo a retomada regular dos serviços de transporte de passageiros na cidade. No dia 2<sup>51</sup> de agosto, a empresa obteve uma liminar no Tribunal de Justiça do Maranhão que garantiu a liberação de 84 ônibus da empresa, os quais haviam sido apreendidos em operações conjuntas da Polícia Militar, Polícia Rodoviária Federal e Secretaria de Trânsito, com a participação do Ministério Público (Imirante, 02/08/2013).

Enquanto isso, o movimento "Fora VBL" já convocava o 6º Ato de manifestação, em repúdio à permanência da empresa na cidade. Esse último ato público do movimento ocorreu no dia 5 de agosto, em frente ao Fórum de Justiça do município, seguindo até a Praça de Fátima. Após o ato, uma comitiva composta por estudantes, movimentos sociais, sindicalistas e líderes do movimento "Fora VBL" embarcou para a capital São Luís, onde participariam de uma audiência na Assembleia Legislativa do Maranhão para discutir a questão. A comitiva apresentou um vídeo de cerca de cinco minutos aos deputados, mostrando a situação precária do transporte de passageiros em Imperatriz. O vídeo abordou questões como as condições físicas do transporte, a superlotação, além do incidente de incêndio em um ônibus com passageiros a bordo. Também destacou as várias mobilizações contra a empresa VBL na cidade (Imirante,06/08/2013).

[...]foi assim uma viagem muito rápida, foi praticamente um bate e volta, eu nem lembro onde foi que a gente ficou, sabe? Alojado. Mas que enfim, não teve pelo menos pra mim, não teve e ela não teve custo de ir, de alimentação, mas eu entendi o papel que a gente estava

<sup>51</sup> Ainda no mesmo dia, estudantes do IFMA se reuniram de forma informal com vereadores da Câmara Municipal, apresentando suas reivindicações em relação à ausência do transporte coletivo na região.

fazendo ali, entendia que era muito importante a gente levar essas reivindicações, essas reivindicações foram reivindicações que a gente definimos nas reuniões, eu acho que era dez reivindicações, alguma coisa assim, denúncias, e aí foi entregue esse documento para o presidente e pra mim foi muito estranho porque era, como eu disse, era muito tipo, né? TJ, Tribunal de Justiça do Maranhão. A gente entrou lá, foi muito rápido, aí depois escutaram a gente, né? Mas tipo assim... Assembleia Legislativa do Maranhão, né? Entrar naquele espaço assim, ver com pessoal que a gente vota e tal, era uma realidade totalmente nova, distinta. E eu achei muito importante esse momento assim, muito que fica na memória, né? De ter feito parte desse processo, tanto que eu guardo lembranças (Entrevistado SF, Entrevista,02/03/2013).

Após a audiência realizada na Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão, o movimento "Fora VBL" realizou uma série de encontros para avaliação de suas atividades e análise de conjuntura (Movimento #ForaVBL, 2013). No entanto, foi observado um declínio gradual no ímpeto do movimento após a última decisão proferida pelo sistema judiciário, que determinou a liberação dos 84 ônibus, anteriormente apreendidos pelo Ministério Público. Seguido por uma diminuição dos chamados nacionais de manifestações.

**Imagem 30:** Comitiva na ALEMA.



**Foto:**O Progresso, 07/08/2013

## 6.5 Nota sobre o 1º de Maio, as disputas internas e o antipartidarismo

Na página do Movimento #Fora VBL (2013), os organizadores caracterizavam o movimento como apartidário, não necessariamente antipartidário<sup>52</sup>. Mantendo uma relação próxima com movimentos sociais já consolidados, herdando um pouco da experiência e do

<sup>52</sup> Nesse ponto assemelha-se às orientações políticas do Movimento Passe Livre de nível nacional.

modus operandi desses grupos para conduzir o debate sobre o transporte coletivo, bem como suas estratégias de mobilização.

Essa proximidade é percebida especialmente diante a construção do ato realizado em 1º de maio, uma data simbolicamente marcada pela mobilização do movimento trabalhista e pela luta dos trabalhadores, carregando consigo um conteúdo classista e anticapitalista. O 1º de maio é uma data tradicionalmente destacada no calendário de lutas, mobilizada por movimentos sociais de vanguarda, sindicatos e partidos políticos da ala de esquerda. Em 2013, além desses movimentos, o Movimento Fora VBL também teve um papel na construção da mobilização que ocorreu na Praça de Fátima, no centro da cidade, na manhã do dia 1º de maio.

**Imagem 31:** Jornal 1 de maio Unificado.



**Disponível em:** <<http://www.joimp.ufma.br/acervojornal?titulo=19>>. Acesso: 22 de fevereiro de 2024.

O evento unificado resultou na elaboração de um editorial jornalístico colaborativo, produzido por diversos movimentos sociais e populares, no qual o Movimento #Fora VBL também contribuiu com uma coluna defendendo suas próprias agendas. Neste jornal, além de destacar o descaso e as condições precárias do transporte coletivo, o movimento também questionou o modelo de privatização do transporte público, defendendo a municipalização do serviço como alternativa à lógica de lucro das empresas privadas. O editorial ainda incluía a contribuição de sindicatos de diversas categorias do serviço público, que apresentaram demandas e denúncias com um viés anticapitalista.

**Imagem 32:** Coluna do Movimento Fora VBL no Jornal Unificado



Disponível em: <<http://www.joimp.ufma.br/acervojournal?titulo=19>>. Acesso: 22 de fevereiro de 2024.

Internamente, o Movimento #Fora VBL também mantinha proximidade com entidades ligadas à União Nacional dos Estudantes (UNE). Isso se deve ao fato de que o próprio movimento era composto por militantes do movimento estudantil, estabelecendo uma conexão direta com entidades estudantis como o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Estadual do Maranhão (DCE-UEMA), o Centro Acadêmico de Jornalismo da UFMA, o Grêmio do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) e os grêmios de escolas secundaristas, além dos coletivos de juventude organizados, como o Rompendo Amarras, ANEL e o Juntos! <sup>53</sup>. Este último se destaca por publicar diversas matérias sobre a situação de Imperatriz em seu site oficial, por meio de seus militantes na cidade<sup>54</sup>.

**Imagem 33:** Militantes do Coletivo Juntos! 06/2013



<sup>53</sup> Ambas organizações que disputavam a UNE enquanto oposição de esquerda.

<sup>54</sup> Ver em: <<https://juntos.org.br/2013/06/vamos-refazer-a-revolta-do-busao/?fbclid=IwAR26mIxDacs6D42PE4hNstEwCKGx-qd4vZ6L-9ZQd1FPBEcmGK-HC47cYcw>>. Acesso: 22 de fevereiro de 2024.

**Disponível em:** <<https://juntos.org.br/2013/08/foravbl-o-inimigo-agora-e-outro/>>. Acesso:22 de fevereiro de 2024.

**Imagem 34:** Estudantes em oficina de cartazes em frente ao DCE da UEMA de Imperatriz<sup>55</sup>.



**Foto:** MOVIMENTO #FORAVBL,2013

Por fim, embora também fosse composto por representantes de diversos movimentos sociais, sindicatos e entidades organizadas, o Movimento #Fora VBL mantinha o foco central na questão do transporte público e conseguia dialogar com um público amplo, destacando sua pauta de maneira eficaz. No entanto, isso não significava que não houvesse desacordos entre os membros do movimento em relação a questões logísticas e estratégias políticas de atuação.

[...]eu lembro que as reuniões em sim eram muito confusas para mim, eu não entendia nada na época, entendeu? É tipo, e uns queriam botar carro de som, outros disse que não queria. E enfim, não havia muito consenso, eu entendo assim, entre um pessoal que tomava as decisões. Né? Eu entendia que havia uns conflitos entre alguns grupos. Um grupo queria pegar a frente, outro grupo queria pegar a frente, era o que eu conseguia perceber (Entrevistado SF, Entrevista,02/03/2013).

Em meados do mês de junho, o ressurgimento das discussões sobre o caráter apartidário do movimento é impulsionado pela repercussão dos eventos do contexto nacional. O debate ganha destaque, especialmente nas redes sociais, onde críticas surgem em relação ao porte de bandeiras partidárias durante as manifestações, que passam a ser hostilizadas. Antecipando possíveis conflitos, os organizadores do Movimento Fora VBL reafirmaram sua natureza apartidária, defendendo a liberdade dos militantes filiados a partidos políticos de participarem do movimento, embora sugerindo limitações quanto a quantidade de bandeiras que poderiam portar (Movimento #ForaVBL, 2013). Durante o movimento realizado em 20 de junho, um episódio marcante provocou conflitos: um militante do Partido Socialismo e Liberdade foi

<sup>55</sup> Ao lado esquerdo, o então representante do Diretório Central dos Estudantes da UEMA, Isaac Ferreira de Sousa, in memoriam.

agredido durante a manifestação em Imperatriz por portar uma bandeira partidária, que foi rasgada por outros manifestantes que estavam no local, e sendo expulso aos gritos pela multidão (Wilson Leite, Youtube, 2013).

E lá eles são filhados ao partido de direita. Bom, então houve essa crítica entre nós e aí nós fomos voto vencido, o PT não ia para usar as bandeiras. Foi uma discussão muito forte, só que como o PSOL fracionado, aparecíamos nós lá com algumas bandeiras do PSOL, outras bandeiras do PSDU, do PCB e apareceu o seguinte discurso nós tínhamos que dar um passo atrás para dar dois a frente e a gente dizia olha, dá um passo atrás, um passo atrás é um passo atrás é dar espaço para a direita, ocupar esse espaço que a gente deixou e não é impulso dar um passo para trás, não é passo para dar impulso então nós corremos o risco. E mesmo assim a gente via. Eu te mandei um vídeo lá que foi da agressão do militante do pessoal na época. Inclusive eu tô jogando uma vara no cara que tava indo tomar a bandeira e a vara do candidato subiu no ombro lá do cara. Aqueles que aparecem no vídeo ali, eles são do movimento rock, do rock daqui de imperatriz antigo são militantes do PSDB. Então, eles aqui eram o grupo organizado de infiltrados e agitadores que inflamavam e chamavam as lutas de fora, sem partido, sem partido, e começaram essa ação de tomar as bandeiras de quem aparecia como bandeira de movimentos sociais lá. E a gente defendia, olha, a gente criou um bloco uma iniciativa, não podemos deixar aqueles problemas, resultados, o movimento foi, e aí a nossa percepção é que o que o Marx falava, e que os teóricos da esquerda falam, que a revolução está sempre à nossa frente. A gente basta saber interpretar o movimento, fazer análises, fazer avaliações, e fazer o avanço para que a massa não seja apenas um... usar um termo aqui do Ortega, homem-massa. Não ser apenas um homem-massa, não tem consciência e isso não aumenta. A gente precisa criar uma direção, criar uma direção (Entrevistado WL, Entrevista, 16/03/2023).

Neste ponto, torna-se evidente a existência de uma disputa política no interior das manifestações, à medida que grupos externos à organização inicial do movimento tentam reinterpretar os propósitos das manifestações, especialmente durante os chamados para os atos nacionais, como os ocorridos no mês de junho. Um exemplo notável ocorreu em 26 de junho, quando aconteceu a convocação para um ato nacional contra a corrupção e a PEC37 em Imperatriz. A manifestação seguiu adotando uma performance ufanistas e nacionalistas, orientando aos participantes usassem camisetas da seleção brasileira e entoassem o hino nacional durante o percurso (Correio Popular, 27/07/2013). Embora o ato tenha sido anunciado no grupo do Movimento #ForaVBL (2013) com o intuito de confundir as demandas, a organização do movimento emitiu uma nota pública desvinculando-se do evento.

No momento da unificação nós notamos que vários partidos eles tomaram proveito da situação, principalmente partidos de direita, eles adentraram ao movimento principalmente com suas mocidades e juventude trazendo um discurso que não era verdadeiro, um discurso

que não era real, um discurso anticomunismo, anti identidade de ideologia de gênero, foram partidos que apareceram literalmente no final, no final das manifestações que só queriam mesmo proveito político e mostrar a a cara, dizendo que apoiavam a população e depois a gente notou que não, era apenas um proveito da situação (Entrevistado FB, Entrevista,24/02/2023).

A pesquisadora Andressa Brito Vieira (2020) conduziu um estudo sobre as Manifestações de Junho de 2013 em São Luís do Maranhão, além de mapear as outras regiões do estado onde os protestos ocorreram. Durante sua análise, identificou uma orientação do PMDB/MA para envolver seus militantes de juventude no seio das manifestações, financiando carros de som, promovendo gritos anticorrupção e indicando uma oposição ao governo federal do Partido dos Trabalhadores (PT). Por outro lado, as juventudes do PCdoB/MA direcionaram suas críticas ao governo do estadual. Essas tendências também foram observadas em Imperatriz.

## 6.6 Das conquistas do movimento

Em 2015, como parte de sua monografia para o curso de Geografia, a aluna Silvana Sousa Oliveira conduziu uma pesquisa que incluiu uma entrevista com o Sr. Denis Policarpo, então diretor representante da empresa Viação Branca do Leste, sobre as mudanças e a qualidade dos serviços da empresa ocorridas entre 2013 e 2015. Ele destacou a modernização da frota de ônibus, com a introdução de novos modelos e melhorias na acessibilidade dos veículos para pessoas cadeirantes. Além disso, abordou a implantação do Sistema Imperatriz de Mobilidade (SIM), um sistema de vale transporte eletrônico projetado para aumentar a segurança e facilitar o uso do benefício pelos trabalhadores, integrando diretamente o subsídio do vale transporte a esse cartão. O Sr. Denis também discutiu o projeto de Bilhetagem Eletrônica, desenvolvido pela empresa, e o projeto de corredor exclusivo para ônibus, que visa melhorar a fluidez do tráfego dos ônibus em uma faixa dedicada (Oliveira, 2015).

Foi feito uma mobilização, “ah, que o pessoal está indo e que vai ter... vão representar, vão falar”, a gente viu, tipo assim, o pessoal filmar, o pessoal falando, mas a gente nunca teve, assim... “Ah, e aí? No que é que deu?”, nunca teve uma resposta. E aí, o que foi que ocorreu? A prefeitura fez um novo contrato com outra empresa. Tiveram outras promessas, a prefeitura se comprometeu a fazer um contrato, teriam tanto uma quantidade mínima que a de veículos que a empresa nova teria que fornecer, e aí o assunto foi morrendo. Poxa, ok, partir do momento que teve o ônibus, foi mais caro, eles mudaram o sistema de entrada, porque antes você tinha que ir lá na integração comprar o ticket, o ticket mesmo, um bilhetezinho e vinha uma linhazinha que você saia destacando e entregando, e aí passou a ser o cartãozinho, cartãozinho laranja, se eu não me engano, que você passava no ônibus, e aí todo

mundo ficou aquele: “pô, muito mais moderno, agora a gente tem um transporte público de qualidade”. Os ônibus eram até menores, as cadeiras não eram tão confortáveis, mas assim, acho que estava tão desolado o negócio assim, de não ter, de ter que se manifestar pra ter, que quando teve um negócio assim que era, “ah, agora você vai ter um cartão, você vai passar, ok, se deu por satisfeito (Entrevistado F, Entrevista,20/03/2023).

Apesar das novidades e das melhorias visíveis nos sistemas de transporte, uma pesquisa de campo realizada por Maria José Brito Almeida (2014) revelou alguns pontos a serem aprimorados sob a ótica da população. O principal deles, com 31% das reclamações, foi o tempo de espera nas paradas, seguido por 18% de queixas relacionadas à lotação nos ônibus. Outros aspectos mencionados incluem 13% das respostas indicando preocupação com a manutenção dos veículos e 12% expressando insatisfação com o valor das passagens. Quanto à qualidade dos serviços prestados, embora 43% dos entrevistados reconheçam uma melhora, ainda há uma parcela significativa que considera que o serviço ainda deixa muito a desejar. Também foi mencionada a questão da pouca quantidade de linhas de ônibus, sugerindo que, apesar das melhorias, o sistema ainda possuía aspectos a serem aprimorados afim de atender as reais necessidades e expectativas da população.

**Imagem 35:** As conquistas do Movimento Fora VBL



**Foto:** MOVIMENTO #FORAVBL,2013

Ao findar o processo de luta pelo transporte coletivo em Imperatriz em 2013<sup>56</sup>, os ex-integrantes do Movimento Fora VBL entrevistados, avaliam a experiência de luta exaltando as conquistas alcançadas nesse processo como fruto da mobilização coletiva. Reconhecendo,

<sup>56</sup> Mesmo após o ano de 2013, o grupo Movimento #Fora VBL (2013) na plataforma Facebook, continuou ativo servindo ocasionalmente como fórum de denúncia de alguns usuários do transporte e membros do grupo.

ademais, a importância da organização coletiva na conquista de direitos e na ocupação de espaços para a transformação social.

[...]foi extremamente positivo, a gente conseguiu desenvolver muita coisa. Assim, a gente conseguiu de fato mudar o transporte coletivo da cidade. Foi isso. Então assim, não tem não tenho nada a reclamar, pelo contrário, só agradecer a todo mundo que participou, eu acho que nenhuma palavra minha seria expressiva na gratidão que eu tenho por todo mundo que abraçou a causa na época, né? E aí se precisar de novo eu posso dar ideias, eu posso ajudar, eu posso ajustar, eu só não posso mais enfrentar o policial, ficar de frente com ele (Entrevistado J.E, Entrevista,28/03/2013).

Assim, foi uma mudança de chave na minha vida, né? Eu via, eu não me percebia como agente de mudança, né? Eu não percebia que eu pudesse fazer parte de algum movimento, até então, então foi uma mudança de percurso na minha vida esses atos que aconteceram em dois mil e treze, porque fez parte do que eu me tornar e me sentir uma pessoa política, uma pessoa ativamente manifestante, militante que busca estar sempre atenta em relação ao Governo, estar sempre atento em relação aos direitos, sempre atenta ali quando está tendo essas falhas e é isso, né? (Entrevistado SF,02/03/2013)

Eu queria acrescentar que movimentos como esse eles são importantes para acontecer, e que eles não partem da massa eles são fadados a fracassar, e o Movimento Fora VBL não foi um movimento que fracassou, foi um movimento que ele teve força, movimento de garra, um movimento que cumpriu à risca o que nós queríamos, que era o direito de ter um transporte público de qualidade, para poder exercer nossa cidadania na universidade, na escola, no trabalho, em qualquer outro campo, que todo mundo que fez parte desse movimento ele tinha algo a defender e esse algo em comum era exatamente esse direito e essa indignação por ter uma empresa que não supria a nossa necessidade como cidadão, sendo que o transporte público horrível, uma passagem cara e uma gestão municipal que deixou com que eles pintassem e bordassem sobre a população da segunda maior cidade do Maranhão. E dizer que foi uma honra participar desse movimento, participaria de novo, sem sombra de dúvidas, e defenderia de novo o direito de ir e vir, que vai ser usufruído pelos meus sobrinhos, pelos meus filhos, pelos netos e pelas gerações que vão precisar utilizar transporte público no futuro (Entrevistado FB, Entrevista,24/02/2023).

A atuação do movimento "Fora VBL" e os eventos que se desdobraram ao longo do ano de 2013, constituíram uma fase inicial de reivindicações contra as condições e permanência da empresa Viação Branca do Leste em Imperatriz. O Movimento Fora VBL deixou um legado enquanto movimento social em Imperatriz, destacando suas formas de atuação, capacidade de mobilização e conteúdo político.



## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, analisamos os conflitos urbanos relacionados ao transporte público em Imperatriz no ano de 2013, que desencadearam uma série de manifestações populares exigindo melhorias nos serviços públicos sendo organizadas pelo então Movimento Fora VBL. Observamos como as estratégias de atuação, o conteúdo político e os métodos de mobilização desse movimento apresentam semelhanças com os movimentos de abrangência nacional em 2013, tal como o Movimento Passe Livre, e se integram ao contexto das Manifestações de Junho de 2013 no Brasil.

No contexto do "Junho Brasileiro", percebe-se uma influência significativa da conjuntura política internacional, refletindo sintomas e uma continuidade de eventos como a crise econômica de 2008, a Primavera Árabe e os movimentos Occupy. Além disso, o contexto brasileiro, juntamente com as estratégias de “pactos e conciliações” do modelo lulista de governo, também são considerados como elementos congruentes das Manifestações de Junho de 2013. A ascensão do neoliberalismo também desempenha um papel importante nesses eventos, influenciando a organização da luta de classes nas cidades brasileiras e a maneira como é apresentada a população.

É perceptível que tanto nas das manifestações nacionais quanto no contexto das manifestações de Imperatriz, com o Movimento Fora VBL, se revela uma disputa política no interior dos movimentos. À medida que as manifestações se massificaram, em meados de junho, houve uma tentativa de reapropriação e ressignificação das pautas por grupos ligados à ala da direita política, desviando as reivindicações para temas como corrupção e democracia e inflamando um discurso antipartido. Portanto, é possível constatar uma similaridade no desenrolar dos eventos.

É imprescindível salientar que esta pesquisa não abarca a totalidade dos significados das manifestações de 2013 em Imperatriz, nem busca extrapolar as discussões relacionadas a elas. Reconhecendo, adicionalmente, que as manifestações de junho de 2013 no Brasil inauguraram uma nova conjuntura no cenário político brasileiro, incluindo-se Imperatriz, surge a necessidade de empreender novas investigações sobre seus desdobramentos subsequentes.

Por fim, reitera-se a necessidade do avanço de uma historiografia direcionada ao resgate da memória das trajetórias de resistência e dos conflitos urbanos em Imperatriz. Visando contribuir para a compreensão dos processos históricos responsáveis pela transformação do espaço urbano, bem como aspectos relacionados à identidade da sociedade imperatrizense.

Ressaltando ainda a Historia Oral como método importante ao “dar voz” aos protagonistas das experiencias e história de Imperatriz.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. rev. E atual. Rio de Janeiro: Editora FCV, 2004.
- ALEXANDRE, Caroline Pacheco. **Os protestos de junho de 2013 no Brasil: neoliberalismo e crise da democracia liberal**. Salvador: Editora X, 2020.
- ALMEIDA, Maria José Brito. **Dinâmica econômica e as transformações no espaço urbano em Imperatriz-MA: uma reflexão a partir dos transportes coletivos vivenciados pelos usuários**. Monografia (graduação). Universidade Estadual do Maranhão. Imperatriz, 2014.
- AMARAL, A. J. do; FIEDLER, C. Z.; MEDINA, R. **De encontro à nova razão neoliberal: Primavera árabe, Occupy e as jornadas de junho de 2013 no Brasil**. *Conversas & Controvérsias*, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 312–325, 2019.
- ALTMAN, Breno; CARLOTTO, Maria Caraméz; ROCHA, Camila; SAFATLE, Vladimir. et al. **Junho de 2013: a rebelião fantasma**. 1ed. Boitempo: São Paulo, 2023.
- ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. **Os dias que abalaram o Brasil: as rebeliões de junho, julho de 2013**. *Revista Pol. Públi*, São Luís, 2014.
- ARAFÁ, Mohamed; SILVA, Lucas Reis da; SANTOS, Rafael Moreno de Santiago. **As semelhanças entre a Primavera Árabe e os protestos de 2013 no Brasil**. *Seqüência Estudos Jurídicos e Políticos*, Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/76887>. Acesso em: 17 jun. 2023.
- CASTELLS, Manuel. **A questão Urbana**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2000.
- COLOSSO, Paolo. **Direito à Cidade: o que é e qual sua atualidade**. Youtube Comuns Urbanos, 28 de ago. de 2020. Disponível em: 14/06/2023
- COSTA-MOURA, Fernanda. **Proliferação das #hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos**. *Rev. Ágora*, v. XVII, número especial, Rio de Janeiro, 2014.
- DOSSE, François. **Historia do Tempo Presente e Historiografia**. Tempo e Argumento. Florianópolis, 2012.
- FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórvidos: A encruzilhada da esquerda brasileira**. São Paulo: Autonomia Literaria, 2019.
- GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petropolis, Rj: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Teoria dos movimentos sociais**. São Paulo, Ed. Loyola, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Manifestações e Protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade**. São Paulo: Cortez, 2017.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Edições Vértice, São Paulo, 1990.
- HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014.

\_\_\_\_\_. **O trabalho, o capital e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas.** Espaço e Debates, 1982.

JASPER, James M. **Protesto: Uma introdução aos movimentos sociais.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade.** São Paulo: Editora Moraes, 2001

MARICATO, Erminia ... [et al]. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** 1.ed. São Pulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

\_\_\_\_\_. **As Jornadas de Junho e a questão urbana** [Entrevista em vídeo]. TV Boitempo, 2013. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=mYiQEI-eJCY> >. Acesso em: 04, junho,2023.

MARX, Karl. **O capital [Livro 1]: crítica da economia política. O processo de produção do capital.** 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; FIGUEIREDO, Julia Moreira de. **No olho do furacão: protagonismo e incerteza nas Jornadas de Junho de 2013.** Rev. Serv. Público Brasília 70, 2019.

NORA, Pierre. **Entre memória e história. A problemática dos lugares.** Proj. História, São Paulo, 1993.

NUNES, Robrigo. **Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição.** São Paulo: Ubu Editora, 2022.

OLIVEIRA, Silvana Sousa. **Análise da qualidade do transporte público urbano do município de Imperatriz.** Monografia (graduação). Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Imperatriz, 2015.

PEREIRA, Ana Paula Pinto. **De Taxis aos Táxi-Lotação na cidade de Imperatriz: A construção social de uma categoria de trabalhadores urbanos.** Monografia (graduação). Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2018.

PEREIRA, Mateus Henrique de Farias. **Lembrança do presente: ensaios sobre a condição histórica na era da internet.** 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando Aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** Proj. História, São Paulo, 1997.

PRADO JÚNIOR, Artur; SANTOS, Danillo Silva; SILVA, Rogério Medrado. **Uso e ocupação do espaço urbano em Imperatriz-MA e a questão do trânsito.** Monografia (graduação). Universidade Estadual do Maranhão. Imperatriz, 2012.

RODRIGUES, Glauco Bruce. **As jornadas de Junho de 2013: espacialidade e conflito social.** XVII Encontro Nacional de Geógrafos, São Luis, 2016.

RODRIGUES, Glauco Bruce; RAMOS, Tatiana Rramontani. **A espacialidade dos conflitos sociais: As jornadas de junho de 2013.** Rev. Para! Onde!?, UFRGS, 2019.

SAFATLE, Vladimir. **Só mais um esforço: como chegamos até aqui ou como o país dos “pactos” das “conciliações”, das “frentes amplas” produziu seu próprio colapso.** 1ed. São Paulo: Vestígio, 2022.

SCHUHARDT, Oscar Luiz; CHAGAS, Priscilla Borgonhoni. **O direito à cidade em discussão: a luta pelo direito de ter direitos.** RAU/UEG – Revista de Administração da UEG, v.11, n.1 jan./abr. 2020.

SIMÃO, Karina Machado de Castro; GONÇALVES, Raquel Garcia. **O espaço público como palco dos conflitos urbanos: construindo territorialidades e buscando o direito à cidade.** v. 1: Anais do XVI SIMPURB, 2019

SERRANO, Pedro Bueno de Melo. **Os acontecimentos de junho.** Movimento: crítica, teoria e ação, v. 39, p. 11-22, 2023.

SINGER, André Brasil. **Classes e ideologias cruzadas.** Novos estud. CEBRAP [Internet]. São Paulo, v. 97, nov. 2013, p. 23–40. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300003>. Acesso em: [29 dez. 2023].

SOUZA, Marcelo Lopes de. **“Ativismos sociais e espaço urbano: Um panorama conciso da produção intelectual brasileira”.** In. OLIVEIRA, M. Piñon; COELHO, Maria Célia N. e CORRÊA Aureanice M. O Brasil, a América Latina e o mundo: Espacialidades contemporâneas II. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, ANPEGE, 2008.

TAVOLARI, Bianca. **Direito à cidade: Uma trajetória conceitual.** Novos Estudos. 04, 2016.

VIANNA, Alexander Martins. **As multidões de junho de 2013 no Brasil: o desafio de explicar e compreender.** Revista Espaço Acadêmico: N 146, 2013.

VIEIRA, Andressa Brito. **A “Ilha Rebelde” de novo? as manifestações de junho de 2013 em São Luís (MA).** 1ed. Curitiba: Appris, 2020.

## FONTES DOCUMENTAIS

CARDOSO, Diana. **Moradores do bairro Cafeteira realizam manifestação contra VBL.** Imirante Imperatriz; 22/03/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/03/22/moradores-do-bairro-cafeteira-realizam-manifestacao-contravbl>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_. **Professores da rede municipal ameaçam greve para semana que vem.** Imirante Imperatriz; 05/04/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/04/05/professores-da-rede-municipal-ameacam-greve-para-semana-que-vem>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_. **Professores da rede municipal de ensino deflagram greve em Imperatriz.** Imirante Imperatriz; 15/05/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/04/15/professores-da-rede-municipal-de-ensino-deflagram-greve-em-imperatriz>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_. **Ministério Público cobra qualidade no serviço de transporte coletivo em João Lisboa.** Imirante Imperatriz; 05/04/2013. Disponível em:

<https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/04/05/ministerio-publico-cobra-qualidade-no-servico-de-transporte-coletivo-em-joao-lisboa>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

**\_\_\_\_\_ Estudantes cobram conclusão de estrada de acesso ao campus da UFMA do Bom Jesus.** Imirante Imperatriz. 19/04/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/04/19/estudantes-cobram-conclusao-de-estrada-de-acesso-ao-campus-da-ufma-do-bom-jesus>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

**\_\_\_\_\_ Estudantes montam acampamento na UFMA para cobrar laboratórios.** Imirante Imperatriz; 24/04/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/04/24/estudantes-montam-acampamento-na-ufma-para-cobrar-laboratorios>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

**\_\_\_\_\_ II Apitaco será realizado nessa sexta-feira 26.** Imirante Imperatriz. 25/04/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/04/25/ii-apitaco-sera-realizado-nesta-sexta-feira-26>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

**\_\_\_\_\_ MP cobra fiscalização de ônibus da VBL pelo município.** Imirante Imperatriz; 15/05/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/05/15/mp-cobra-fiscalizacao-de-onibus-da-vbl-pelo-municipio>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

**\_\_\_\_\_ Juíza acatou decisão do MP e decidiu suspender contrato com a VBL.** Imirante Imperatriz; 27/06/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/06/27/juiza-acatou-decisao-do-mp-e-decidiu-suspender-contrato-com-a-vbl>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

**\_\_\_\_\_ Prefeitura anuncia quebra imediata de contrato com VBL.** Imirante Imperatriz; 10/07/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/07/10/prefeitura-anuncia-quebra-imediata-de-contrato-com-vbl>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

**\_\_\_\_\_ Movimento Fora VBL vai as ruas nessa segunda-feira 5 em ITZ.** Imirante Imperatriz; 05/08/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/08/05/movimento-fora-vbl-vai-as-ruas-nesta-segunda-feira-5-em-itiz>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

FORAVBL, Movimento. **PARALISAÇÃO #FORAVBL E ATOS UNIFICADOS.** 20/06/2013. Facebook: Movimento #foraVBL. Disponível em: [https://www.facebook.com/events/163776053794568/?acontext=%7B%22event\\_action\\_history%22%3A%7B%22surface%22%3A%22group%22%7D%7D](https://www.facebook.com/events/163776053794568/?acontext=%7B%22event_action_history%22%3A%7B%22surface%22%3A%22group%22%7D%7D).

FOTOS, Imperatriz. **Passeata em Imperatriz-MA (20-06-2013).** YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IhTRlkCYgHY>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

**G1. Quebra do Banco Lehman Brothers completa 10 anos: relembre a crise de 2008.** Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/09/15/quebra-do-banco-lehman-brothers-completa-10-anos-relembre-a-crise-de-2008.ghtml>. Acesso em: (18 de junho de 23).

HERÊNIO, Brenda. **Movimento #Fora VBL: O primeiro grito pelo transporte público de qualidade** em Imperatriz-MA. Juntos.Org. Disponível

em:<https://juntos.org.br/2013/03/movimento-foravbl-o-primeiro-grito-pelo-transporte-publico-de-qualidade-em-imperatriz-ma/> Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Fora VBL o inimigo agora é outro.** Juntos.Org. Disponível em: <https://juntos.org.br/2013/08/foravbl-o-inimigo-agora-e-outro/> .Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Vamos refazer a revolta do busão.** Juntos.Org. Disponível em: <https://juntos.org.br/2013/06/vamos-refazer-a-revolta-do-busao/?fbclid=IwAR26mIxDacs6D42PE4hNstEwCKGx-qd4vZ6L-9ZQd1FPBEcmGK-HC47cYcw>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

LEITE, Wilson. **Ataque ao militante do PSOL 20/06/2013 Imperatriz MA.** YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U7d908KZ44U>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

MILHOMEM, Alan. **Mais seis ônibus da VBL são apreendidos em operação da PM.** Imirante Imperatriz. 07/05/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/05/07/mais-seis-onibus-da-vbl-sao-apreendidos-em-operacao-da-pm>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Imperatrizenses vão as ruas para pedir melhorias em vários setores.** Imirante Imperatriz; 20/06/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/06/20/imperatrizenses-vao-as-ruas-para-pedir-melhorias-em-varios-setores>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Manifestações em Imperatriz começa pacífica e termina em confusão.** Imirante Imperatriz; 20/06/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/06/20/manifestacao-em-imperatriz-comeca-pacifica-e-termina-em-confusao>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Manifestantes ateam fogo em pneus e interditam BR 010.** Imirante Imperatriz. 21/06/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/06/21/manifestantes-ateiam-fogo-em-pneus-e-interditam-br-010>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **PM apreende cinco adolescente no fim da tarde dessa sexta-feira 21.** Imirante Imperatriz; 21/06/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/06/21/pm-apreende-cinco-adolescentes-no-fim-da-tarde-desta-sexta-feira-21>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Promotoria de justiça do consumidor pede afastamento imediato da VBL.** Imirante Imperatriz; 25/06/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/06/25/promotoria-de-justica-do-consumidor-pede-afastamento-imediato-da-vbl>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Manifestantes voltam as ruas em ITZ e interditam a BR 010.** Imirante Imperatriz; 11/07/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/07/11/manifestantes-voltam-as-ruas-em-itze-interditam-a-br-010>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **“Revolta da panelada”**: vendedores interditam a Avenida Bernado Sayao. Imirante Imperatriz; 16/08/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/08/16/revolta-da-panelada-vendedores-interditam-a-av-bernado-sayao>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **VBL circula apenas com cinco ônibus em ITZ**. Imirante Imperatriz; 27/07/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/07/27/vbl-circula-apenas-com-cinco-onibus-em-itz>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **VBL consegue liberação de 84 ônibus apreendidos**. Imirante Imperatriz; 02/08/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/08/02/vbl-consegue-liberacao-de-84-onibus-apreendidos>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **SETRAN notifica VBL para normalizar operação do transporte coletivo**. Imirante Imperatriz; 01/08/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/08/01/setran-notifica-vbl-para-normalizar-operacao-do-transporte-coletivo>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Fora VBL vai a São Luís para protestar contra o transporte coletivo de ITZ**. Imirante Imperatriz. 05/08/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/08/05/fora-vbl-vai-a-sao-luis-para-protestar-contra-o-transporte-coletivo-de-itz>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Comitiva de ITZ protesta contra a VBL em São Luís**. Imirante Imperatriz. 06/08/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/08/06/comitiva-de-itz-protesta-contra-a-vbl-em-sao-luis>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **VBL começa a retirar ônibus apreendidos**. Imirante Imperatriz. 06/08/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/08/06/vbl-comeca-a-retirar-onibus-apreendidos>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

PINHO, Safira. **Greve dos professores ganha força nas redes sociais**. Imirante Imperatriz; 21/04/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/04/21/greve-dos-professores-ganha-forca-nas-redes-sociais>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Professores grevistas se reúnem em frente da casa do prefeito**. Imirante Imperatriz; 22/04/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/04/22/professores-grevistas-se-reunem-em-frente-da-casa-do-prefeito>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Professores da rede municipal prometem acampar em frente a prefeitura**. Imirante Imperatriz; 24/04/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/04/24/professores-da-rede-municipal-prometem-acampar-em-frente-a-prefeitura>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **SETRAN conclui processo sobre contrato com a VBL até o fim do mês**. Imirante Imperatriz; 24/05/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/05/24/setran-conclui-processo-sobre-contrato-com-a-vbl-ate-o-fim-do-mes>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **VBL anuncia que vai continuar operando em Imperatriz**. Imirante Imperatriz; 23/07/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/07/23/vbl-anuncia-que-vai-continuar-operando-em-imperatriz>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **BR 010 é liberada após 5 horas de interdição pelos funcionários da VBL.** Imirante Imperatriz. 29/07/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/07/29/br-010-e-liberada-apos-5-horas-de-interdicao-pelos-funcionarios-da-vbl>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Estudante do IFMA é atropelado durante manifestação.** Imirante Imperatriz. 01/08/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/08/01/estudante-do-ifma-e-atropelado-durante-manifestacao>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

**POPULAR, Correio. Acervo digital. JOIMP UFMA.** Disponível em: <http://www.joimp.ufma.br/acervodigital>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

**RODRIGUES, João. Caso VBL: Estudantes do IFMA pedem providencias da câmara.** Imirante Imperatriz; 02/08/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/08/02/caso-vblestudantes-do-ifma-pedem-providencias-da-camara>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

**SILVA, Pedro. Composição de vídeos classificados da Viação Balde de Lixo (VBL).** YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1YnBjPqmpRl>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Manifestantes em Imperatriz visitam a Assembleia Legislativa para apresentar o caso VBL.** YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ixdtHWvuhVY&list=FLXLZpEOAO4fEdMD3BXshHVA&index=3&t=2s>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

**VIANA, Tátyna. Empresa VBL pode perder concessão de linhas de transporte coletivo.** Imirante Imperatriz; 18/03/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/03/18/empresa-vbl-pode-perder-concessao-de-linhas-do-transporte-de-coletivo>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Bicicletaço reivindica asfalto no acesso ao novo campus da UFMA.** Imirante Imperatriz; 19/04/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/04/19/bicicletaço-reivindica-asfalto-no-acesso-ao-novo-campus-da-ufma>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Movimento Fora VBL volta as ruas de Imperatriz.** Imirante Imperatriz; 26/04/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/04/26/movimento-fora-vbl-volta-as-ruas-de-imperatriz>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Operação da PM e MP apreende cinco ônibus da VBL.** Imirante Imperatriz; 03/05/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/05/03/operacao-da-pm-e-mp-apreende-cinco-onibus-da-vbl>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Mais um ônibus da VBL quebrado nas ruas de ITZ.** Imirante Imperatriz; 06/05/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/05/06/mais-um-onibus-da-vbl-quebrado-nas-ruas-de-itiz>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Sete mil pessoas participaram da manifestação em ITZ.** Imirante Imperatriz; 20/06/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/06/20/sete-mil-pessoas-participam-da-manifestacao-em-itiz>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Manifestação fica tensa em ITZ.** Imirante Imperatriz; 20/06/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/06/20/atos-de-vandalismo-atrapalham-manifestacao-em-itz>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Imperatrizenses fazem nova manifestação nas ruas.** Imirante Imperatriz; 24/06/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/06/24/imperatrizenses-fazem-nova-manifestacao-nas-ruas>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_ **Estudantes interditam avenida por melhorias no transporte.** Imirante Imperatriz. 31/07/2013. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2013/07/31/estudantes-interditam-avenida-por-melhorias-no-transporte>. Acesso: 25 de fevereiro de 2024.

